

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

PRISCILA SILVA PAES

BIBLIOTERAPIA: vivencia e percepções dos voluntários do projeto de extensão
Turma da leitura.

BELÉM
2019

PRISCILA SILVA PAES

BIBLIOTERAPIA: vivencia e percepções dos voluntários do projeto de extensão
Turma da leitura.

Trabalho de Conclusão Curso apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia da Universidade
Federal do Pará como requisito para a obtenção do
Grau de Bacharel em Biblioteconomia.
Orientadora: Profª Drª Franciele Marques Redigolo.

BELÉM
2019

PRISCILA SILVA PAES

BIBLIOTERAPIA: vivencia e percepções dos voluntários do projeto de extensão
Turma da leitura.

Trabalho de Conclusão Curso apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia da Universidade
Federal do Pará como requisito para a obtenção do
Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Apresentado em: _____ de _____ de _____

Nota _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Franciele Marques Redigolo (Orientadora)

Profª Drª Marise Teles Condurú (Membro 1)

Prof Dr Hamilton Vieira de Oliveira (Membro 2)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

P126b Paes, Priscila Silva
BIBLIOTERAPIA : vivencia e percepções dos voluntários
do projeto de extensão Turma da leitura. / Priscila Silva
Paes. — 2019.
76 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Franciele Marques Redigolo
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Biblioterapia. 2. Leitura. 3. Mediação da Leitura. 4.
Bibliotecários hospitalares. I. Título.

CDD 615.8516

Dedico este trabalho a pessoa que trouxe luz e inspiração à minha vida, minha estimada sobrinha Yasmin Paes da Conceição (Pipoquinha).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de chegar nesta etapa da vida.

Agradeço ao meu pai Levi Ferreira Paes que na maioria dos dias fazia questão de me levar em segurança à universidade.

Agradeço a minha mãe Osmarina e Silva Paes, a mulher que por sua intelectualidade, tranquilidade e amor maternal foi meu principal espelho para lutar e realizar este sonho.

Agradeço as minhas irmãs Letícia Silva Paes e Ruth Silva Paes, as moças mais amadas por mim.

Agradeço a minha amiga Johane Lima Souza que ainda no ensino médio foi a pioneira e a pessoa que mais me deu apoio nos estudos.

Agradeço a minha amiga Fernanda Santos Ribeiro, minha companheira de estudo preparatório para o vestibular.

Agradeço a minha amiga Roberta Medeiros Santos que sempre me dizia o quanto era capaz.

Agradeço a minha amiga Monique Lima Souza a quem eu confidenciei minhas angústias e sempre se alegrou com minhas pequenas conquistas.

Agradeço as minhas amigas e companheiras de faculdade Carolina Leão Ramos, Dayane Fernandes, Évillia do Socorro, Geovana Martins e Regina Purificação.

Agradeço a minha amada tia Elza que sempre me ajudou quando precisava.

Agradeço as minhas chefes de estágio Elisangela Costa, Lidiane Cabral, Adriana Monteiro e Juliana Dias, todas mulheres guerreiras e que contribuíram para meu aprendizado durante essa jornada da vida acadêmica.

Agradeço ao meu amigo e namorado Fabrício Pereira Medeiros por todo apoio e incentivo que me deu durante a escrita deste trabalho.

Agradeço a minha orientadora Dra. Franciele Marques Redigolo uma das pessoas que durante a faculdade me inspirou e fez crer e admirar a profissão que escolhi para a vida.

“(…) a Biblioterapia é uma atividade interessante e desafiante para o Bibliotecário, uma vez que põe vida na palavra impressa, podendo o seu impacto sobre a personalidade individual ter efeito curativo”.

(Marília M. Guedes Pereira)

RESUMO

Estudo sobre a biblioterapia consiste no uso da leitura para fins terapêuticos. Objetiva, em nível geral, levantar conceitos biblioterapêuticos em âmbito hospitalar a fim de utilizar a leitura para torná-lo humanizado e acolhedor; e em nível específico visa: a) levantar conceitos dos processos cognitivos para compreender como a leitura e emoção interferem no tratamento médico; b) analisar o papel do bibliotecário como mediador da biblioterapia e o objetivo c) teve a intenção de discutir as dificuldades e estratégias da aplicação das sessões de biblioterapia vivenciadas no hospital. Caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e qualitativa. Foi adotado como instrumento de pesquisa um questionário aplicado aos voluntários do projeto Turma da Leitura (TL). Constatou-se que a maior parte dos voluntários participou da pesquisa por cerca de um ano e atendia dois internos por sessão. Detectou-se durante as sessões dificuldades como falta de motivação dos internos que complicavam a atividade, mas que os voluntários contornavam brincando e adquirindo a confiança para chamar a atenção e aplicar a biblioterapia. Conclui-se que apesar das diversidades a biblioterapia ainda é uma alternativa para minorar o sofrimento dos pacientes e incentivar a leitura em pessoas que tem poucas condições de acesso a materiais bibliográficos.

Palavras-chave: Biblioterapia. Leitura. Mediação da Leitura. Bibliotecários hospitalares.

ABSTRACT

Study on bibliotherapy consists of in the use of reading for therapeutic purposes. Objective, in general level, to raise bibliotherapeutic concepts in hospital scope in order to use the reading to make it humanized and welcoming; and at a specific level aims to: a) raise concepts of cognitive processes to understand how reading and emotion interfere with medical treatment; b) to analyze the role of the librarian as mediator of the bibliotherapy and objective c) intended to with the intention of discussing the difficulties and strategies of the application of the sessions of bibliotherapy experienced in the hospital. It is characterized as an exploratory and qualitative research. A questionnaire applied to the volunteers of the Reading (TL). It found used as a research tool. It was observed that most of the volunteers participated in the research for about one year and attended two interns per session. During the sessions, difficulties were detected such as the lack of motivation of inmates complicating the activity, but that volunteers joked around and acquired the confidence to attract attention and apply the bibliotherapy. It is concluded that despite the diversities, the bibliotherapy is still an alternative to alleviate the suffering of the patients and to encourage the reading in people who have few conditions of access to bibliographic materials.

Keywords: Biblioterapia. Reading. Mediation of Reading. Hospital librarians.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BRAPCI	Bases de Dados em Ciência da Informação
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação
CBO	Código Brasileiro de Ocupações
EBSERH	Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
Fabib	Faculdade de Biblioteconomia
ICSA	Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
HUPPA	Hospital Universitário Professor Alberto Antunes
ONG	Organização não governamental
PBV	Projeto Biblioteca Viva
PNLL	Plano Nacional de Livros e Leitura
RIUFPA	Repositório Institucional da Ufpa
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TL	Turma da Leitura.
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina ⁰
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UIC	<i>University of Illinois Chicago</i>
Unirio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UnB	Universidade de Brasília
USP	Universidade Estadual de São Paulo
WPCI	Workshop de Pesquisa em Ciência da Informação (WPCI)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTERAPIA	14
2.1 Biblioterapia no Brasil	17
2.1.1 Universidades que ministram a matéria biblioterapia	18
2.1.2 Projetos biblioterapêuticos desenvolvidos por universidades brasileiras	20
2.1.4 Locais que se aplicam a biblioterapia.....	23
2.1.3 Principais autoras brasileiras que escrevem sobre biblioterapia	24
3 CONCEPÇÃO COGNITIVA PARA COMPREENSÃO	26
4 O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR DA BIBLIOTERAPIA	30
4.1 Terapia e a biblioterapia	34
5 METODOLOGIA	40
5.1 Elaboração do questionário	41
5.2 Formação das categorias de análise	42
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	44
6.1 Discussão geral dos resultados: dificuldades e estratégias identificadas	56
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE A – Fatos relevantes da biblioterapia	67
ANEXO A – Perspectiva dos voluntários	75
ANEXO B – Projeto de Lei	76

1 INTRODUÇÃO

A biblioterapia é uma palavra que surge da junção de dois termos gregos – *biblíon* (livro) e *therapeía* (terapia), ou seja, a terapia dos livros. No dicionário *on-line* de língua portuguesa diz que “é o emprego de leituras selecionadas como adjuvantes terapêuticos no tratamento de desordens nervosas”. Essas desordens variam entre depressão, estresse, distúrbios de ansiedade, sentimento de solidão, pânico, esquizofrenia, deficiência física, doentes crônicos e dependentes. O tratamento biblioterapêutico é oferecido em hospitais, asilos, penitenciárias, entre outros ambientes que requerem cautela recuperativa.

Denota-se que a leitura enriquece o vocabulário, aumenta o conhecimento, estimula a criatividade, amplia a capacidade argumentativa melhora e incentiva uma escrita e interpretação de texto mais eficaz, ou seja, quanto mais se lê, mais se aprimora a compreensão. Além disso, a leitura permite conhecer distintas culturas, as quais derrubam eventuais preconceitos. A leitura, por si só, é prazerosa e leva satisfações emocionais; no entanto, o objetivo deste trabalho não é tratar destes ensaços, e sim trazer o ato de ler como tratamento terapêutico.

A biblioterapia que, para Lobo (2017, p. 14), surgiu com intenção de “melhorar a qualidade de vida” das pessoas, ajudar na solução de problemas com o uso da leitura a qual proporciona mudanças qualitativas. A pesquisa trata da leitura terapêutica, ressalta-se que as pessoas leem de acordo com o que se identificam, isto é uma seleção subjetiva. No entanto, há livros que são recomendados para situações específicas. A exemplo disto, livros de autoajuda proporcionam um caráter otimista e motivador a pacientes e ajudam durante o tratamento.

Neste sentido, baseado em fatos reais, o filme “Patch Adams: o amor é contagioso” (1998), conta a história de um homem, que após se internar em uma clínica por conta de uma tentativa de suicídio, compreende que a medicina precisa ser mais humanista, e não tratar pacientes como mais um número. A princípio, muitos profissionais e companheiros de faculdade não gostam de sua forma de trabalhar, mas ao longo da história conquista seus colegas e demonstra como a terapia auxilia os enfermos.

A biblioterapia é aplicada por distintos profissionais, pois é uma atividade multidisciplinar: pedagogia, psicopedagogia, psicologia, psiquiatria, medicina, biblioteconomia e áreas relacionadas.

O bibliotecário, enquanto profissional envolvido diretamente com sua própria atividade fim é apto a especializar-se em biblioterapia. Há faculdades, por exemplo, que ofertam a disciplina sobre teorias psíquicas, a qual qualifica profissionais para atuar como mediadores. Estes profissionais indicarão livros, aconselharão, serão capazes de interagir e incentivar a leitura, principalmente de indivíduos que não dominam a prática.

Além disto, o bibliotecário debate e explica o sentido da obra ou ainda dramatiza e interpreta os personagens no momento da leitura e, ao mesmo tempo, avalia a eficácia do trabalho, a fim de buscar melhorias e relatar os benefícios que o tratamento proporciona. Desta forma, proporcionar o equilíbrio emocional dos pacientes.

Nesta perspectiva, Guedes (2013, p. 83) relata que:

[...] o bibliotecário é defendido nesse campo de atuação por Pereira (1996), Rattón (1975), Seitz (2006), Caldin (2010) e Alves (1982) que indicam variadas ações do bibliotecário na atividade biblioterapêutica como, por exemplo, seleção de material, trabalho de leitura e avaliação da atividade.

Há exemplos na literatura do efeito curativo da biblioterapia. Silva (2011) relata que em um ambiente hospitalar, preparado com as devidas informações coletadas soluciona carências e auxilia no restabelecimento emocional e autoestima das pessoas internadas. Ao se estender o ponto de vista, benefícios recebidos pelo paciente chegam aos familiares, os quais suportam e passam por aflições devido à debilidade da parentela.

Ao se observar os benefícios deste tratamento foi levantado o **problema** central desta pesquisa: identificar: qual o desempenho da técnica biblioterapêutica, e se esta é classificada como eficaz em sua aplicação em hospitais.

Esta pesquisa surgiu a partir do voluntariado no projeto Turma da Leitura (TL), organizado pela professora Dr^a. Franciele Marques Redigolo. O TL tem por missão levar recreação, momentos de prazer e tratamento biblioterapêutico para crianças internadas no Hospital Oncológico Infantil da cidade de Belém.

Durante as visitas como voluntária no projeto constatou-se que parte dos pacientes consegue entrar no mundo das histórias que são lidas, interagindo com os voluntários e por vezes lendo junto, brincando ou ainda inventando outros finais. Já algumas crianças mais novas conseguem imaginar através dos desenhos, estas contam o que entendem e entram no mundo prazeroso da leitura.

Porém outra parte não mostra este fascínio e concentração, demonstram desinteresse pela prática e assim pode-se **justificar** a relevância de pesquisar para identificar o problema a fim de aplicar táticas que possam melhorar o poder de cognição destes pacientes. E por isto o **objetivo geral** é discutir a prática de biblioterapia aplicada no Hospital Oncológico Infantil da cidade de Belém por um grupo de voluntários do projeto Turma da Leitura. E desta forma, os **objetivos específicos** são:

- a) Levantar conceitos teóricos sobre a biblioterapia e os processos cognitivos do indivíduo;
- b) Analisar o papel do bibliotecário como mediador da biblioterapia;
- c) Discutir as dificuldades e estratégias que os voluntários do projeto vivenciaram durante a leitura para as crianças com câncer no Hospital Oncológico Infantil da cidade de Belém.

Posteriormente a esta introdução, no capítulo dois foi levantado um histórico da biblioterapia, a fim de entender sua evolução. No capítulo três fora explorado sobre o processo cognitivo. No capítulo quarto foi descrito a atuação do bibliotecário como mediador da biblioterapia. No quinto capítulo tratou-se da metodologia. Em seguida, no capítulo sexto dissertou-se a análise e discussão dos resultados. No capítulo sexto foi abordado a análises e discussões dos resultados, no sétimo capítulo foi descritos as considerações finais e em subsequência foram listadas as referências, APÊNDICE A que trata dos fatos relevantes da biblioterapia e os ANEXOS A e B. sendo o primeiro o questionário aplicado ao objeto de pesquisa e o B ao projeto de lei que trata da implementação da biblioterapia nos hospitais públicos do Brasil.

2 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTERAPIA

Neste seguimento será descrito como a leitura terapêutica desde sua anosidade até evoluir e tornou-se uma ciência: a biblioterapia.

Existem diferentes registros do uso da leitura como tratamento de doenças, mesmo na antiguidade como a prática da biblioterapia, que na época não recebia esse nome, entretanto Perissé (2004, p. 27) afirma que “[...] não se trata de uma nova ciência, pois é tão velha quanto o alfabeto e o pergaminho”, ou seja, existe desde gerações antepassadas.

De acordo com Ouaknin (1996, p.12) no mundo anglo-saxão, essa palavra "biblioterapia" não é nova, é encontrada no *Webster International* com a seguinte definição: "O uso de materiais selecionadores são adjuvantes terapêuticos em medicina e psiquiatria. Também: orientação na solução de problemas pessoais através de leitura dirigida (Tradução nossa).

Segundo Pereira (1996) os gregos possuíam bibliotecas na qual seus acervos eram considerados como interventores para os problemas espirituais, visto que, de certa forma nossos problemas emocionais estão ligados ao espírito/espiritualidade.

Com esta percepção os romanos recorriam as orações lidas a fim de amenizar a agonia dos doentes e tratar a saúde mental, pois, acreditavam que a leitura e a medicina estavam ligadas. A leitura religiosa, por exemplo, é relevante para a humanidade e estendeu o seu uso ao longo dos tempos desde a antiguidade até os dias atuais uma vez que “as leituras da Bíblia acompanhavam o processo de cura na Idade Média” (ABREU *et al.*, 2012, p. 97). Atualmente ainda vemos esta ação quando observar-se pessoas que recorrem a orações, leitura da bíblia em busca da restauração da saúde.

De acordo com Silva (2011, p.13):

as parábolas de Jesus Cristo para seus discípulos tinham a preocupação de disseminar, transmitir e ensinar aprendizados adquiridos através da narração. Assim notou-se que a narração de histórias, e a leitura produziam no individuo uma maneira de alívio para seus medos e frustrações, evidenciando a terapia.

Existem livros na Bíblia que tratam de amor, alegria, reflexão e esperança sentimentos esses que são evidenciados em um tratamento terapêutico. De acordo com a Abreu *et al.* (2012, p. 96) no texto bíblico o termo terapia assume uma amplitude

que significa também prevenir”. Dessa forma pode-se deduzir que a Bíblia foi escrita com a intenção não somente de apresentar os ensinamentos cristãos, mas também de ser usada como um instrumento de cura. Prova disto é que a Bíblia Sagrada é o maior *best-seller* de todos os tempos.

E “na Grécia e na Índia recomendava-se a leitura individual como parte do tratamento médico” (CALDIN, 2010, p. 13). Ainda nesta mesma perspectiva Ferreira (2003, p. 36) diz que “o Alcorão era utilizado na Grécia, principalmente em hospitais, trechos eram lidos para os pacientes fazendo parte do tratamento médico, percebendo melhora no quadro clínico desses pacientes”.

E seguindo as pesquisas de Abreu *et al.*, (2012) ela afirma que a leitura só passou a ser utilizada como terapia na Idade Média, nesta época, por exemplo, a Bíblia era lida nos hospitais e em Cairo (capital do Egito) no ano de 1272, era proporcionada a leitura do Corão no *Hospital Al Mansur*.

Outro momento histórico que marca a leitura foi em Tebas (cidade-estado grega), no frontispício da grande biblioteca era possível ler a seguinte frase “a leitura, medicina para o espírito” (ABREU *et al.*, 2012, p. 97). Do mesmo modo no Egito, durante o reinado de Ramsés II, foi encontrado em uma biblioteca a inscrição “Remédios para Alma”.

Entretanto, as referências sobre a difusão e democratização da biblioteca pública e da biblioterapia se envolveram especificamente nos EUA ao longo do século XIX e XX. Trabalhos pioneiros que se estenderam à hospitais, prisões, asilos e demais locais para tratamento clínico que propiciaram um interesse das universidades e fomentaram a produção acadêmica.

Pesquisadores como: Ruth Tews, Alice Bryan, Carolina Shrodes, Margaret Kinney, Margaret Hannigan, Appel Kenneth, Sharon Sclabassi, Samuel Grothers, entre outros; elaboraram trabalhos sobre biblioterapia e fundaram as bases da matéria. Fortalecendo o debate do assunto a’ssociações foram criadas concomitante a realização de eventos e *workshops*.

Apesar desse tratamento ter surgido na antiguidade é na Idade Contemporânea que o termo biblioterapia veio a ser praticada, estudada e aplicada como ciência pois, segundo Pereira (1996), foi atribuída por Samuel Mechord Grothers como criador em 1916. Abreu *et al* (2012) diz que este acontecimento ocorreu pois Samuel escreveu um artigo para o *Atlantic Monthly* intitulado “*Literacy Clinic*”.

No artigo descrito acima Samuel Grothers escreve o seguinte trecho, segundo Myracle (1995 *apud* MENDES, 2008, p. 56) “a biblioterapia é uma ciência tão nova que não é de admirar que existam muitas opiniões erradas sobre o efeito atual que qualquer livro em particular pode ter.

Trinta e três anos depois do trabalho de Grothers uma pesquisadora chamada Caroline Shrodes em “1943 desenvolvia estudos sobre a aplicação da literatura com fins terapêuticos” (ABREU *et al.*, 2012 p. 97), por conta disso houve nova contribuição, pois a biblioterapia antes disso não tinha uma estrutura científica, teoria e preceitos específicos de pesquisa. Inclusive Pereira (1996, p. 38) falava de uma necessidade de “ressaltar debates sobre a ausência de estrutura científica para a biblioterapia tinham sido ouvidos por vários anos, até que um esforço maior para colocar o assunto em perspectiva própria”.

Shrodes terminou seu doutorado após seis anos de estudo e “em 1949, defendeu tese obtendo título de Doutora em Filosofia e Educação na Universidade de Berkeley, na Califórnia, com o trabalho *Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*” (CALDIN, 2001, p. 34).

Shrodes se torna então referência científica por conta de sua tese de doutorado, sendo suas bases usadas até o momento atual. Afirmam que ela foi a criadora da estrutura científica da biblioterapia (PEREIRA, 1996).

Outro momento histórico foi início do século XIX quando as bibliotecas americanas passaram por uma estruturação para terem um contato maior junto a sociedade e nesse momento era “utilizada a leitura individual em hospitais como coadjuvante no processo de recuperação do doente” (CALDIN, 2010, p. 13). Isso aconteceu para que o incentivo e localização da leitura fossem além informação ou entretenimento para as pessoas hospitalizadas.

E foi no século XX que de fato ficou conhecida como biblioterapia na qual, diferentemente dos tempos remotos, onde a leitura era individual, neste novo período a prática biblioterapêutica tomou novos rumos e atuação, pois, ela passou a ser instruída em grupos de leitura.

Segundo Pereira (1996) é em 1904 que a biblioterapia se torna ramo da biblioteconomia, isto porque uma bibliotecária de *Massachusetts*, nos Estados Unidos, fez algumas experiências e obteve resultados positivos. A biblioteca em questão era a *Mc Lean Hospital*, onde “iniciou um programa envolvendo os aspectos psiquiátricos da leitura” (RATTON, 1975, p. 199).

Em muitos lugares e tempos do mundo houve tratamentos realizados através dos livros, no século XVIII em especial em alguns países da Europa se realizou com insanos tratamentos terapêuticos de leitura. Um momento que a biblioterapia se fortaleceu foi durante a primeira guerra mundial (1914-1918) onde a instituição como a Cruz Vermelha, mesmo de uma forma leiga escolheu utilizar os livros para ocupar o tempo dos pacientes traumatizados pela guerra (PEREIRA, 1996).

Após o levantamento no contexto histórico geral da leitura terapêutica e seu surgimento como ciência será discorrido no capítulo seguinte como esse estudo se difundiu no Brasil.

2.1 Biblioterapia no Brasil

O histórico da biblioterapia no Brasil perpassa por alguns pesquisadores projeto de lei até falar no campo educacional e o ensino acadêmico sobre o assunto.

Em 2003 começa a ser elaborado um plano para medicação e incentivo à leitura que culminará no Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). O então presidente da Biblioteca Nacional, Galeano Amorim, cria em 2006 o PNLL, encampado como compromisso pelo governo federal através do Ministério da Cultura foi criado para democratizar o acesso ao livro e à leitura. O plano proporcionou uma melhor difusão da biblioterapia (SILVA, 2013).

Em 2006 também foi criada a fundação da Sociedade Brasileira de Biblioterapia Clínica reunindo os interessados e ajudando a disseminar a temática (LEITE, 2009).

Passos (2018) identifica em seu trabalho que a biblioterapia é uma área desconhecida da comunidade acadêmica da biblioteconomia isso porque é uma atuação diferente que não se costuma observar bibliotecários atuando.

No entanto, apesar da maioria das Universidades não possuir a matéria de biblioterapia é possível identificar que o assunto em questão vem ganhando espaço dentro da comunidade seja por ministrar a matéria, projetos de extensão ou por conter pelo menos um trabalho na área de biblioterapia. Estes trabalhos podem ser artigos, trabalho de conclusão de curso, monografias e teses.

2.1.1 Universidades que ministram a matéria biblioterapia

Neste subcapítulo foi levantado as instituições que ministram biblioteconomia no Brasil e foram encontradas cerca de quarenta e duas universidades, e dentre elas verificou-se quais instituições que ministram a matéria biblioterapia, leitura terapêutica, ou leitura mediada e o termo, biblioterapêutica.

No entanto foram encontradas dificuldades, pois, algumas matrizes curriculares se encontravam desatualizadas ou a ementa não se encontrava disponível nos sites. Diante disso foi necessário entrar em contato com alguns coordenadores das instituições, entretanto até o presente momento não foi obtido respostas.

Entre as universidades encontradas que ministram a matéria biblioterapia ou área afins estão: Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Paraíba (UFPB) e Universidade de São Paulo (USP).

Segundo UEL (2019, não paginado), no quarto ano é ofertada a disciplina obrigatória “Leitura e Literatura Aplicadas à Ciência da Informação” com a seguinte descrição: Leitura e literatura no contexto nacional, espaços de leitura para diferentes públicos, narrativas orais literárias, informacionais e biblioterápicas.

Outra instituição que proporciona a matéria é a UniRio. Isso aconteceu após uma

[...] pesquisa realizada pelo diretório acadêmico em 2016, a demanda pela oferta de uma disciplina sobre Biblioterapia se mostrou como o principal interesse dos alunos de Biblioteconomia para estudo complementar. Foi então que elaborou-se um amplo projeto de ensino e criou-se a disciplina optativa, dentro da proposta curricular de Tópicos Especiais em Temas Contemporâneos. Em paralelo, iniciou-se o projeto de extensão Biblioterapia em Estudo com o objetivo de promover estudos e práticas no âmbito da Biblioterapia, que continuou em execução no ano de 2017 e hoje faz da UNIRIO um ambiente de referência aos estudos sobre esse tema no Brasil. (ALVES; BERNADO, 2017, p. 2).

Outra academia possível de encontrar biblioterapia como matéria é a da UFSC. Nessa instituição a matéria é optativa tem carga horária de trinta e seis horas e a descrição do ensinamento se volta para o fundamento filosófico da biblioterapia e

estabelece os objetivos e aplicações da biblioterapia, além de apresentar o método biblioterapêutico. Essa descrição pode ser encontrada no currículo do instituto.

Na UFSC foi realizado dentro de sala de aula uma vivência biblioterapêutica desenvolvida com os próprios alunos da disciplina. Neste trabalho Souza; Gonzalez e Sanches (2018) relatam que dividiram em quatro momentos distintos a aplicação da biblioterapia entre eles: sessão de relaxamento, leitura da história, apresentação de um curta-metragem e atividade lúdica além do compartilhamento de ideias e sensações após o experimento.

Souza, Gonzalez e Sanches (2018) afirmam que a finalidade do experimento era proporcionar bem-estar e interiorização das pessoas seja de forma individual ou em grupo e acreditam que conseguiram alcançar seus objetivos, pois, a capacidade argumentativa, imaginativa trouxe benefícios e experiência por conta da reflexão vivida. Entende-se que essa reflexão se deu após a leitura do livro onde os voluntários do experimento se permitiram dialogar sobre as problemáticas encontradas no texto selecionado.

Na UFPB, Silva (2017, p. 29) afirma que:

[...] a professora Edna Gomes Pinheiro, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), eventualmente trabalha com a temática da leitura terapêutica na disciplina de Tópicos Especiais. No entanto, a disciplina não faz parte do projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia dessa universidade e foi ofertada pela última vez em 2015. Mas mesmo sem manter a Biblioterapia como temática de sala de aula, a professora coordena projetos nessa área.

Como já é de conhecimento de alguns, a biblioterapia não é exclusiva do bibliotecário como aplicar e diante disso foi possível encontrar na USP no curso de psicologia a disciplina optativa “Leitura Terapêutica: Teoria, Prática e Pesquisa”. Com essa disciplina a instituição tem seis objetivos segundo a ementa para capacitar o aluno:

- 1) conhecer a bibliografia sobre o lugar da leitura na terapia, os modelos teóricos e de prática clínica e de pesquisa experimental e metanalítica;
- 2) compreender a importância da biblioterapia para distúrbios de comportamento em crianças, adolescentes e adultos;
- 3) familiarizar-se com a experimentação e metanálise sobre eficácia da biblioterapia para quadros de depressão unipolar e bipolar, ansiedade, fobia, pânico, comportamento antissocial;
- 4) compreender indicações e contra-indicações de diferentes temas de biblioterapia para quadros clínicos diferentes;
- 5) selecionar recursos de biblioterapia mais indicados para quadros clínicos diversos;
- 6) delinear estudos de intervenção biblioterapêutica com controle experimental e estatístico (USP, 2019, não paginado).

A partir das disciplinas descritas acima é possível compreender que a biblioterapia vem ganhando espaço no mundo científico, pois, sua eficácia é comprovada ao longo das experiências vivenciadas pelos estudiosos. No próximo tópico iremos abordar os projetos universitários brasileiros que tem como foco o assunto tratado neste trabalho.

No subcapítulo seguinte será exposto as instituições que ensinam a matéria biblioterapia em algumas universidades do Brasil.

2.1.2 Projetos biblioterapêuticos desenvolvidos por universidades brasileiras

Acima foi relatado algumas das universidades que possuem a matéria de biblioterapia e neste subcapítulo se fez necessário discorrer de alguns projetos biblioterapêuticos universitários, isso porque duas das principais diretrizes universitárias são a extensão e a pesquisa.

No âmbito de extensão será abordado a importância da universidade aplicando seus conhecimentos e atuando junto a sociedade. Ligado a extensão os projetos de pesquisa têm a intenção de estudar, estruturar, desenvolver e debater e a temática no meio acadêmico e ajudar a explicá-la. Isto se faz necessário pois é preciso desenvolver e comprovar a eficácia de uma ciência e por isso foram selecionados alguns dos projetos universitários que retratem a biblioterapia.

Dentre as universidades que apresentam projetos biblioterapêuticos: Na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal de Formiga (UNIFOR), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Universidade Federal da Paraíba.

Segundo UFAL (2019, não paginado) não possui a matéria biblioterapia, mas há um projeto de pesquisa e extensão responsável pela elaboração e trabalhos no Hospital Universitário Alberto Antunes (HUPAA) em parceria com a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares e a Universidade Federal de Alagoas (EBSERHUFAL).

Segundo a UFAL o projeto tem por nome, Anjos do HUPAA: biblioterapia e outras ações culturais em hospital de ensino e assistência. Ele é coordenado pela professora do Curso de Biblioteconomia Lívia Aparecida Ferreira e tem por objetivo “contar histórias e incentivo à leitura, como estratégia de estímulo à amenização do

sofrimento vivenciado por muitos de seus usuários e de entretenimento para seus acompanhantes” (2019, não paginado).

Na Universidade Federal do Pará (UFPA), na Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas que é o Instituto da Faculdade de Biblioteconomia em busca de cultura. Foi criado o projeto de extensão que perdurou de 2016 a 2018 tendo como coordenadora a Prof^a. Dr^a. Franciele Marques Redigolo. Esse projeto tem por nome Turma da Leitura e sua primeira aplicação ocorreu em um Hospital oncológico infantil da cidade de Belém. O projeto foi aplicado principalmente por docentes e discentes do curso de biblioteconomia, tendo como objetivos:

Objetivo geral:

a) contribuir, por intermédio da leitura, para o bem-estar de pacientes hospitalizados com câncer no Hospital Oncológico Infantil [...]. E como

Objetivos específicos:

a) Trabalhar a leitura para criar momentos lúdicos aos pacientes;

b) Utilizar a leitura como efeito terapêutico (biblioterapia);

c) Incentivar à prática da leitura;

d) Dar a oportunidade aos discentes do curso de Biblioteconomia desenvolverem atividades de extensão com a prática benevolente da leitura;

e) Aproximar a Universidade da sociedade. E deste modo, como desenvolvimento deste projeto de extensão pretende-se atingir um nível satisfatório de interação entre os pacientes e as leituras/histórias contadas. (REDIGOLO, 2016, não paginado).

Segundo a UNIFOR, essa Instituição fica em Minas Gerais e há um projeto de extensão chamado Leitura: asas da liberdade coordenado pela Tânia de Fátima Gontijo Fonseca e pela Margarida Rodrigues Torres e tem por.

Objetivos gerais [...] proporcionar a integração dos acadêmicos em cenários diversificados, nos quais se reconheçam como atores sociais de transformação destas realidades, além de promover espaços para análise crítica parte dos mesmos e a partir daí ser inovadores de ações, ressaltando as atividades do profissional da informação (Fonseca; Torres, 2012, não paginado).

Segundo a UFC há projeto conhecido por: Projeto renascer: biblioterapia para o idoso que foi desenvolvido pelo curso de biblioteconomia desta instituição com parceria ao abrigo Lar Torres de Melo. O projeto mencionado neste trecho tem como objetivo:

Incentivar os idosos do Lar Torres de Melo a participarem voluntariamente e ativamente do processo de estímulo ao gosto pela leitura, fazendo com que eles se sintam úteis dentro da comunidade. Para tanto, surge a consecução de objetivos mais específicos, assim enunciados:

- ◆ desenvolver atividades que despertem o interesse e o gosto pela leitura.
- ◆ fornece aos idosos informações que lhes proporcionem melhores condições de vida.
- ◆ incentivar grupos de alunos a desenvolverem atividades culturais
- ◆ tentar preencher o tempo ocioso dos idosos, com atividades culturais, de forma a torná-los mais conscientes de sua cidadania e mais participativo dentro da comunidade (PINHEIRO, 1998, não paginado).

Segundo a UFOP existe também um projeto de extensão sob a orientação da psicóloga Patrícia Ribeiro e da assistente social: Claudia Maciel Enes do Centro Médico da UFOP. Nessa instituição são necessários alguns requisitos para os alunos fazerem parte dos aplicadores da biblioterapia.

Este ano (2019), por exemplo, as inscrições ocorrem de 1 a 7 de abril e foi necessário preencher um formulário anexo ao edital, além da inscrição era necessário enviar o currículo e histórico escolar. Os dois últimos documentos seriam para comprovar que o aluno estava matriculado no curso da UFOP, do campus ICHS e ICISA e era obrigatório estar cursando entre o 3º e 7º semestre e dispor de tempo livre no dia em que a biblioterapia seria aplicada. Esses seriam os principais requisitos para a seleção de uma única vaga ofertada.

Objetivo geral:

a) promover a qualidade de vida e saúde mental através da Biblioterapia.

Objetivos específicos:

a) Proporcionar espaços terapêuticos não invasivos que promovam a melhoria da saúde mental e qualidade de vida;

b) Proporcionar à comunidade Ufopiana o incentivo à leitura, a interpretação criativa através das rodas de conversa e da contação de histórias. (EDITAL, 2019, não paginado).

Conforme Silva (2017 p. 29) houve na Universidade Federal da Paraíba um projeto de extensão Biblioterapia para velhos jovens/idosos intitulado:

Envelhecer é viver e nada mais desenvolvido no abrigo da Associação Metropolitana de Erradicação – AMEM, em João Pessoa. O projeto foi realizado de maio a dezembro de 2016 e envolveu professores e alunos do curso de Biblioteconomia da UFPB.

Esses projetos citados acima demonstram a preocupação das universidades de divulgar e aplicar essa nova forma de terapia que vem ganhando cada vez mais espaços por conta da sua interdisciplinaridade e sua eficácia enquanto tratamento.

Nota-se também que a biblioterapia na maioria dos projetos apresentados está ligada a biblioteconomia, no Brasil isso porque a biblioterapia consta no Código

Brasileiro de Ocupações (CBO) sob a responsabilidade da biblioteconomia (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 55).

É relevante lembrar que a biblioterapia por ser interdisciplinar e ser dividida em três tipos: Clínica, Institucional e de Desenvolvimento. Pode comportar outros projetos que não necessariamente esteja ligado as Universidades. Passos (2018) fez em seu trabalho um levantamento sobre projetos biblioterapêuticos existentes no Brasil.

No próximo subcapítulo irá ser abordado os locais que são aplicados a biblioterapia.

2.1.4 Locais que se aplicam a biblioterapia

O trecho desse subcapítulo como o próprio nome sugere irá abordar os locais que se pratica a biblioterapia, são: hospitais, asilos, penitenciária entre outros.

No Brasil, Sousa, Santos e Ramos (2013) dizem que há o mais variado ambiente em que a biblioterapia é aplicada como universidades e Organizações não governamentais (ONG) e em sua maioria são psicólogos e bibliotecários que desenvolvem projetos. Na maior parte das vezes os principais públicos alvos atendidos são idosos, crianças matriculadas em creche e em clínicas médicas.

Com isso é possível informar que em 2012, foi criado um Projeto de Lei n. 4186/12, do deputado gaúcho Giovani Cherini. Neste projeto podemos identificar em parte de sua descrição que a “aplicação da biblioterapia em pacientes adultos internados em unidades hospitalares tem como pretensão proporcionar uma internação menos dolorosa e agressiva, humanizando o tratamento hospitalar” (BRASIL, 2012, não paginado).

Em outro ponto da justificativa de criação deste projeto é possível identificar que:

aparato acadêmico internacional, afirmando a eficácia desta terapia no ambiente hospitalar, alcançando cura ou minimização dos sintomas de até 80%, vemos como uma necessidade premente a adoção desta terapia no Sistema Único de Saúde, fornecendo ao cidadão brasileiro práticas modernas para tratamento da depressão e humanização do ambiente hospitalar. (BRASIL, 2012, não paginado).

Após o decorrido no histórico, pode-se dizer que esta ciência veio a contribuir para a cura da saúde mental dos enfermos uma vez que ao longo deste

capítulo, foi possível notar que deu certo desde a antiguidade persistiu, evoluiu como ciência e é uma forma alternativa de cuidar do psíquico das pessoas, principalmente as que se encontram em hospitais.

Há no Apêndice A uma tabela que mostra os principais fatos ocorridos durante a evolução da biblioterapia. No próximo subcapítulo é discorrido sobre três principais autoras que contribuíram para a pesquisa biblioterapêutica no Brasil.

2.1.3 Principais autoras brasileiras que escrevem sobre biblioterapia

Neste breve subcapítulo se fez necessário trazer três autoras que contribuíram e contribuem para o desenvolvimento de pesquisas, levantamentos e experimentos que envolvam a os tratamentos biblioterapêuticos. Elas são Ratton (1975), Orsini (1982), Caldin que até o presente momento desenvolve pesquisas relacionadas a biblioterapia.

Ratton e Orsini foram escolhidas por serem duas das primeiras autoras a trazerem o termo para o Brasil, já Caldin foi a primeira a escrever sobre a biblioterapia, uma experiencia ocorrida neste país.

No Brasil, uma das primeiras pesquisadoras da biblioterapia foi Ângela Ratton. Uma bibliotecária e estudante de psicologia que era professora da Universidade Federal de Minas Gerais e nesse período escreveu um artigo intitulado “Biblioterapia” que foi apresentado no 1º Encontro Anual de Psicologia da Universidade Católica de Minas Gerais. Este evento ocorreu entre os dias 4-10 de novembro de 1974 e no ano seguinte seu trabalho foi publicado na *R. Esc. Bibliotecon.*

Nesse artigo ela pesquisou principalmente autores americanos e descreveu seu trabalho nos.

[...] efeitos benéficos da leitura espontânea ou dirigida nas escolas, como elemento do processo educacional, e em hospitais e prisões, na profilaxia e cura de problemas psicológicos. Sugestões de pesquisa para maior compreensão da importância da biblioterapia (RATTON, 1975, p.1).

Apesar de não haver muita expressividade no Brasil foi por conta desse trabalho que ela se tornou um marco, por ter sido a primeira pessoa a escrever sobre o assunto, ou seja, um ponto de partida para que outras pessoas buscassem estudar mais sobre a biblioterapia.

Em 1982, Maria Stella Orsini, formada em letras e artes, fala da importância de um diagnóstico e executar uma terapia através de livros para tratamento de moléstias e problemas pessoais; e ainda classifica a biblioterapia em nível intelectual, social, emocional e comportamental (ROSA, 2006, p.16).

A partir do pioneirismo de Ratton e Orsini muitos outros autores abordaram o assunto e realizando pesquisas sobre o tema. No entanto temos hoje como principal destaque Clarice Fortkamp Caldin, uma bibliotecária que fez mestrado e doutorado em literatura. Ela escreve diversos artigos sendo uma grande estudiosa da temática. Ela ressalta a importância da leitura dirigida e da interação de um grupo.

Após narrado alguns dos fatos principais sobre a biblioterapia em âmbito internacional e nacional e como sua contribuição história é influente para compreender como ocorreu o crescimento dessa ciência. No próximo capítulo foi abordado que esta ciência está ligada com a cognição e emoção de cada pessoa que faz uso da leitura para fins terapêuticos.

3 CONCEPÇÃO COGNITIVA PARA COMPREENSÃO

Após ser percorrido o histórico da leitura terapêutica em âmbito internacional, se fez necessário compreender como a técnica da leitura proporciona melhoras psicológicas e assim falaremos de como ocorre o processo cognitivo nos indivíduos e ao que ele está ligado.

A cognição é o processamento da informação para aquisição de conhecimento, está relacionado com a memória, aprendizagem e capacidade analítica. É necessário entender que emoções e atitudes pessoais são capazes também de interferir nessa aprendizagem e que cada pessoa individualmente tem uma capacidade distinta de assimilação.

Para que tudo isso funcione é preciso entender as funções e os benefícios cognitivos da leitura como comunicação, os tratamentos cognitivos e deve-se observar as peculiaridades e o perfil dos seus pacientes:

[...] antes de iniciar qualquer programa de reabilitação, é necessário definir o perfil cognitivo de cada paciente, delineando seus déficits e aspectos da cognição preservados. Cabe destacar que é muito importante uma adequação do treinamento proposto ao nível intelectual e cultural do paciente. Santos e Targino (2002 *apud* ÁVILA; MIOTO, 2017, p, 20).

Seguindo a ideia do autor citado acima, entende-se que é necessário fazer um estudo do usuário/paciente levando em consideração a capacidade de interpretação e conhecimento de cada um e conforme a evolução da compreensão pode-se posteriormente levar leituras mais complexas, mas sempre respeitando o limite do indivíduo. Andersen (2018, p. 220), fala sobre a compreensão da leitura e aspectos cognitivos diz que deve ser:

[...] realizado com textos apropriados, com tarefas e perguntas que contemplem os variados processos envolvidos na leitura, tais como a elaboração de inferências, a memória, a mobilização do conhecimento de mundo, a extração de significado, a reorganização mental do texto, a capacidade de resumi-lo, a compreensão crítica e a consciência textual.

Com isso, pode-se observar a importância de material adequado segundo a concepção de cada indivíduo a ser atendido, nada se vale uma leitura se ela não for compreendida pelo leitor, na realidade uma leitura deficiente pode gerar desconforto e desinteresse pela prática.

A leitura pode proporcionar diversos benefícios como criatividade, imaginação e raciocínio, mas que de nada valem se não proporcionarem também prazer, por isso é necessário saber que “biblioterapia não utiliza somente livros para a sua prática, podem ser utilizados material audiovisual, fantoches, músicas, brinquedos, contação de história e a leitura” (ALMEIDA, BORTOLIN, 2013, não paginado).

[...] reflete as experiências humanas de todas as épocas e lugares e, portanto, dá acesso aos registros de vidas atitudes e sentimentos. Por outro lado, vários mecanismos são postos em funcionamento quanto existe uma interação entre leitor e um livro.

Muitas vezes a leitura pode ser entendida como um processo pessoal e introspectivo em que é necessário haver emoção e a cognição, muitos autores defendem que elas estão ligadas, tais como Citron *et al.* (2004), Castro (2014) e Larroza (2001), afirmam que os textos com cunho emocional atingem mais fortemente o leitor e seu processo cognitivo. Podemos dizer que a compreensão cognitiva está ligada com a emoção, por exemplo, uma criança hiperativa em detrimento de uma mais calma em geral não tem uma capacidade analítica.

Por outro lado, as crianças mais comportadas podem ter ou estar sujeitas a ter uma interação social menor e a leitura e compreensão cognitiva têm a intenção de desenvolver a pessoa. Durante o processo e biblioterapia algumas crianças têm o relapso de introjeção, se projetando na história e mesmo que elas sejam tímidas, gostam e falar de si mesmo e se veem como o personagem principal da história. Reforçando desta forma que o processo cognitivo está ligado ao emocional. Andersen (2018, p. 221) diz que:

[...] os estímulos emocionais, que estão relacionados à interação, aos sentimentos, desejos e ansiedades, favorecem a maior facilidade na socialização com outras pessoas, maior segurança na hora de expressar sentimentos e medos, melhor compreensão dos outros e do ambiente ao seu redor, ao mesmo tempo em que é construída a bagagem de valores.

As crianças hospitalizadas muitas vezes são ausentes na escola e é na escola onde a maior parte das vezes recebem conhecimento. Nela podem aprofundar os aprendizados, adquirir novas informações, corrigir, aprofundar, organizar e reorganizar os conhecimentos existentes (PINTO, 2001).

Em um hospital, por exemplo, um livro usado na biblioterapia pode ser um aliado para suprir a carência de um paciente, uma vez que são estes muito menos ameaçadores e exigentes que uma pessoa. Através da leitura pode-se fazer uma criança compreender o porquê sua rotina mudará, dessa forma estaríamos usando a emoção e a comparação, capacidade cognitiva de fazer-o entender sua nova rotina, como a de não ir mais a escola.

“A leitura pode ser aconselhada para extroverter o paciente e aumentar seu interesse por outra coisa fora de si” (PEREIRA, 1996, p. 61). Não só, mas que pode “ajudar os pacientes a entenderem melhor suas próprias reações, conflitos e frustrações psicológicas e fisiológicas” (PEREIRA, 1996, p. 62).

Assim a biblioterapia pode cumprir sua função de tornar o usuário mais próximo da sua realidade, de se aperfeiçoar intelectualmente e levar informação. Mesmo livros de literatura tem a função de estimular a imaginação, já livros de autossatisfação pessoal por se fazer compreender e pensar em outras realidades, ou ainda, encontrar soluções aos problemas apresentados a “Leitura reforça, por percepção e exemplos, nossos padrões sociais e culturais, inibindo padrões infantis de comportamento” (PEREIRA, 1996, p. 62). Mas também tem outros propósitos como “elevar o interesse e conhecimento da realidade externa [...] propiciando viver efetivamente” (PEREIRA, 1996, p. 61).

Com a biblioterapia se busca observar com cautela, principalmente as orientações individuais ou para pessoas introspectivas, o processo de controle e acompanhamento verificando também a impressão que as pessoas tiveram do livro. Nem todos têm a mesma impressão de um livro, mesmo um usuário pode ter diferentes percepções em distintos momentos. Essas percepções distintas estão ligadas com capacidade e interpretação e cada cidadão. “A aprendizagem significativa tem relação com a estrutura cognitiva de modo que informações novas podem ser assimiladas a conceitos preexistentes, de maneira dinâmica, tornando assim o conhecimento significativo” (NASCIMENTO, 2009, p. 272).

Ao longo do processo a biblioterapia pode ganhar uma função de interação e socialização, a partir do entendimento de que a pessoa não está sozinha com seus problemas no mundo. O tratamento em grupo busca encorajar a compartilhamento de experiências particulares depois de ler determinados assuntos. E os assuntos muitas vezes compartilhados podem abrir o entendimento e concepção cognitiva de outros indivíduos.

São relevantes leituras em que o usuário se reconheça em problemas similares. “Se o usuário é estimulado a comparar suas ideias e valores com as do autor, isso pode resultar em mudança de atitude” (PEREIRA, 1996, p. 63). Nesse sentido podemos entender o livro apenas como meio, lembrando a máxima de Mário Quintana, de que “um livro não muda o mundo, mas as pessoas que a lêem”, “é o leitor que cria, constrói e combina; o livro é apenas um instrumento. O bibliotecário que não entende isso poderá converter a melhor biblioteca em um cemitério de livros” (PEREIRA, 1996, p. 49).

Neste sentido também podemos compreender a leitura, um processo fundamental que na biblioterapia não importa se é ciência ou arte. Na ciência entendemos como uma ramificação da biblioteconomia com estrutura, lógica e com preceitos próprios. Já na arte se deduz como uma atividade que não possui preceitos fixos, sendo ela adaptável as necessidades de cada pessoa e principalmente pelo fato de ser uma atividade que requer prática.

Podem-se observar os primórdios da leitura como arte em “alguns grupos de terapia (que) encontram suas origens nos dramas gregos, nas peças medievais e em encontros religiosos, assim como na Biblioterapia” (PEREIRA, 1996, p. 41). Uma crítica a qual pode ser feita da situação é a de que “os bibliotecários deveriam abordar a Biblioterapia mais como atividade recreativa e ocupacional do que uma atividade terapêutica que possa fazer parte de seu programa médico ou que sirva como caminho possível para atualização individual” (PEREIRA, 1996, p. 51).

4 O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR DA BIBLIOTERAPIA

A biblioterapia é vista como uma forma de mediação e um novo ramo de atuação do bibliotecário uma vez que este profissional sobreviveu e precisou se adaptar ao logo dos tempos, antes ele era guardador das informações, mas atualmente um dos mais interessantes e relevantes ‘papel’ na sociedade é o de mediar a informação.

Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 399) escrevem que a biblioterapia:

[...] há muito tempo vem sendo exercida por profissionais da saúde, psicólogos e terapeutas. Embora ainda haja uma predominância desses profissionais na aplicação da biblioterapia, existem casos em que essa vem sendo aplicada por bibliotecários e apresentando ótimos resultados.

Apesar desse novo ramo de atuação do bibliotecário, Seitz (2000, não paginado) aponta quatro limitações que o bibliotecário precisa enfrentar são eles:

- 1– A falta de bibliotecários treinados e com habilidades para conduzir o programa de Biblioterapia;
- 2 – A inexistência de bibliotecas, sobretudo em hospitais;
- 3 – O pouco conhecimento sobre o leitor;
- 4 – A inexistência de estudos que apontem quais os tipos de problemas de saúde são mais tratáveis com a Biblioterapia, o tipo de leitura é mais eficaz e qual leitor será mais beneficiado.

Ou seja, o bibliotecário que desejar atuar nesse ramo terá que se adaptar com o que há no mercado, precisará fazer trabalhos como projetos e comprovar a eficiência através de resultados ao aplicar a biblioterapia. E para que esse mercado abra cada vez mais “é necessário que esses profissionais assumam essa tarefa, ou correm o risco de assistir à Biblioterapia se tornar uma especialidade dentro de outras áreas” (SEITZ, 2000, não paginado).

A biblioterapia, seja ela como arte ou como ciência, o componente que a torna uma técnica de aconselhamento é naturalmente um biblioterapeuta que pode ser qualquer um dos profissionais que atuarão conjuntamente neste programa – psicólogo, educador, bibliotecário ou assistente social (ROSA, 2006, p. 13).

Falando de outra vertente não apenas a mercadológica é necessário expor a conscientização para

os bibliotecários comecem a se interessar pela biblioterapia, que olhem um pouco ao seu redor e encontrem no livro a contribuição para amenizar muitos problemas como, por exemplo, a depressão dos idosos, a solidão das pessoas hospitalizadas e verão que praticar a biblioterapia é tão gratificante quanto fornecer ao médico “aquele livro” que traz a dosagem exata do medicamento que o paciente precisa para sobreviver (SEITZ, 2006, p. 32).

Sabe-se que a mediação é uma das funções fundamentais do bibliotecário e por isso cabe a esse profissional determinar o valor das informações a serem repassadas e assim promover e avaliar a leitura a ser transferida. Almeida Júnior (2014, p. 99), diz que “a mediação da informação está presente em todas as atividades do profissional da informação, serviço de referência, atividades culturais, contação de histórias” e com esta atribuição arrisca-se dizer que esse profissional é capaz de atuar como mediador na biblioterapia.

O biblioterapeuta é a pessoa que aplica esse processo de terapia através de leitura dirigida e no caso desta pesquisa temos o bibliotecário como atuante porque este indivíduo é conhecido por ser o facilitador, orientador, mediador da informação, uma vez que:

[...] a mediação aparece também nessa etapa tão relevante nas bibliotecas, o de organizar o conhecimento e a informação, em que o bibliotecário prepara fisicamente uma possível informação para disponibilizá-la para os usuários/leitores” (ALMEIDA JÚNIOR, 2014 p. 99).

Uma vez selecionada e organizada, a informação a ser repassada ao paciente ela é mediada. No entanto, antes “deve-fazer um estudo acerca das necessidades dos usuários” (GRASSELLI, NUNES, 2015, p. 41), isso porque o conhecimento a ser repassado no caso da biblioterapia requer uma triagem mais cautelosa visto que ela “é uma arte de curar os enfermos por meio da leitura” *Buonocore* (1976 *apud* PEREIRA, 1996) e não apenas repassar uma leitura. Essa triagem é necessária para que o leitor não se depare com obra que possa deprimi-lo, por exemplo.

Mesmo que o bibliotecário tenha uma inclinação a uma atuação mais educacional, psicológica ou médica, alguns autores recomendam que ele deva apenas selecionar o material, outros acreditam que com um treinamento especial, ele está apto a aplicar a biblioterapia (LEITE, 2009, p. 33).

O bibliotecário, por exemplo, tem a missão de buscar, organizar e disseminar a informação com eficácia e eficiência tratando o problema do usuário com

empatia e assim podemos dizer, o bibliotecário estuda e prepara-se para atender os enfermos pois ele é preparado na vida acadêmica a analisar e selecionar o acervo de forma a verificar o conteúdo indicando o material a ser entregue como um produto confiável, útil e adequado a cada leitor. Seitz (2006, p. 158) define a biblioterapia dizendo ser:

um programa de atividades selecionadas, envolvendo materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas.

A catalogação, uma das atividades exercidas pelo bibliotecário, por exemplo, permite que este profissional conheça o assunto retratado nos mais distintos documentos e faça a seleção adequada. Mey (2009, p. 5) diz que a:

catalogação é o estudo, preparação e organização de mensagens codificadas, com base em itens existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir intersecção entre as mensagens contidas nos itens e as mensagens internas dos usuários.

Dessa forma, pode-se dizer que a mediação entre o bibliotecário e paciente é indireta, no entanto mesmo sendo assim não exclui a possibilidade e relevância do bibliotecário fazer a seleção e catalogação dos materiais.

Um profissional da informação, por exemplo, pode trabalhar selecionando cada leitura segundo a faixa etária ou retirando leituras negativas, que retratam os problemas emocionais que um indivíduo vive, essa seleção é importante. Pois, segundo Hasse (2004), a biblioterapia compreende o uso da literatura como instrumento terapêutico a auxiliar cidadãos a melhorar problemas de cunho emocional, mental e social.

A biblioterapia lida com diferentes ramos da ciência e ao aplicador é necessário conhecer informações como pedagogia, medicina, psicologia, além da própria biblioteconomia, quando executado geralmente por um bibliotecário Kinney (1962) argumenta sobre a necessidade de o bibliotecário ter uma especialização por conta da interdisciplinaridade da biblioterapia.

De acordo com a perspectiva de Leite (2009, p. 34)

para que o bibliotecário envolva-se na prática de Biblioterapia, é necessário que esteja informado sobre as iniciativas de trabalho e pesquisa sobre o

tema. Desta forma será possível estabelecer contatos com outros profissionais para compartilhamento de ideias, conhecer a realidade de cada grupo estudado para estruturar o seu programa de Biblioterapia e divulgá-lo para a comunidade científica e comunidade em geral.

O seja, “caso seja apenas bibliotecário integrará uma equipe multidisciplinar, atuando em vários papéis ou em caso extremo, selecionando e preparando os textos a serem usados no processo” (FERREIRA, 2003, p. 39-40). E ainda que se faz necessário escolher um espaço, atividades, materiais bibliográficos conforme a necessidade de cada grupo (FERREIRA, 2003).

Ainda que não seja propriamente um psicoterapeuta, o bibliotecário na qualidade de mediador de leitura, pode agir de modo a intervir – uma vez que não há mediação isenta de intencionalidade – de maneira positiva; pedagógica, uma vez que o bibliotecário pode ter sua parcela de participação na formação do indivíduo, que é contínua. (BORTOLIN, MUCHIUTTI, 2014, p. 2).

Ressalta-se a necessidade do entendimento de psicologia, pois o “trabalho de aconselhamento dos leitores e da biblioterapia, com a atenção voltada para as necessidades dos indivíduos, geralmente aproxima-se de um aconselhamento psicológico” (PEREIRA, 1996, p. 48). Desse modo, Pereira (1996, p. 68) entende bem a função do profissional, e a área como refinamento da biblioteconomia, ao afirmar enfaticamente que “um bibliotecário perfeito é um instrutor da saúde mental”.

Nesse sentido vemos que “a tendência da biblioterapia é atingir muitas outras áreas do conhecimento [...] é claramente e deve ser desenvolvida como uma atividade interdisciplinar” (PEREIRA, 1996, p. 38).

É necessário lembrar o fato que este profissional vai lidar com o público e os diversos tipos diferentes de usuário, sendo então que o aplicador possua características como sensibilidade, estabilidade emocional, empatia, entre outras características de quem lida com as pessoas (LEITE, 2009).

Além de todas as características aqui especificadas, o biblioterapeuta também deve ser capaz de integrar pessoas com necessidades especiais. Deve-se entender essas desigualdades em prol de modernizar as bases políticas de fortalecimento da democracia a fim de cumprir uma função social, função indeclinável dos serviços públicos de seguridade social.

Pereira ressalta a importância e a atenção a profissão quando diz que o profissional “é, ou deveria ser um instrutor profissional amadurecido, responsável realizando competentemente uma tarefa importante” (1996, p. 65).

O bibliotecário como aplicador da biblioterapia é defendido por Caldin (2010), Pereira (1996), Bentes Pinto (2005). Esses autores estão em comum acordo, no entanto todos ressaltam a atenção e o cuidado deles estarem trabalhando em comum acordo com outros profissionais.

Pereira (1996) fala sobre o bibliotecário fazer a seleção, compra e avaliação das atividades desenvolvidas.

Hanningan (1962) tem o título de seu trabalho *The librarian in bibliotherapy: pharmacist or bibliotherapist?* Neste trabalho ele faz uma comparação do bibliotecário e farmacêutico, este segundo profissional disponibiliza remédios segundo receitas médicas e o bibliotecário disponibilizaria livros. Cabe ressaltar, assim como o farmacêutico estuda a composição dos remédios e pode indicar algum para uma dor de cabeça, por exemplo, cabe ao bibliotecário desde que seja conhecer da leitura e do problema psíquico do indivíduo indicar livros que possam ajudar a melhorar seus problemas emocionais.

Após ser apresentado acima o bibliotecário como mediador da biblioterapia irá ser discorrido sobre a terapia e a biblioterapia para melhor compreender essas duas vertentes.

4.1 Terapia e a biblioterapia

Buscando melhor entender o assunto abordado neste capítulo é necessário primeiramente compreender o conceito de terapia e como a biblioterapia se ramifica a partir dela.

O termo terapia vem do grego *therapeúo* quer dizer “prestar cuidados médicos, do verbo tratar” onde se presta tratamento para uma doença de modo tradicional, complementar ou alternativo, no dicionário Aurélio significa “tratamento de doenças ou distúrbios psíquicos”.

A terapia atualmente usa distintas técnicas, onde se difere do psicólogo e paciente estarem frente a frente, este tratamento pode ocorrer através da arte sendo usada a música, dança, teatro, pintura, escultura, desenho, fotografia, livro, entre outros instrumentos que proporcionem lazer, a fim de atenuar as dores emocionais.

Nesse sentido podemos entender a terapia como leitura de mundo e uma visão da arte.

Além de ser realizada utilizando diferentes expressões, seja a música, a pintura, a brincadeira entre outros, neste trabalho trataremos especificamente da leitura verbal e visual realizada através da biblioterapia tendo como profissional atuante o bibliotecário. Isto leva a entender que não é somente o psicólogo, psiquiatra ou outros médicos do ramo que podem promover a terapia, mas qualquer profissional que acompanhe os trabalhadores citados. No caso do bibliotecário especializado ou com auxílio de um profissional ele pode servir as pessoas como biblioterapia, trazendo desta forma novos campos de atuação para sua profissão.

A terapia hoje pode ser usada não apenas como um tratamento curativo, mas também preventivo, profilático, onde se tenta antecipar eventuais distúrbios mantendo o bem-estar psíquico. Em outra perspectiva Leite (2009, p. 24) relata que:

o terapeuta significava aquele que cuida, e os primeiros terapeutas foram os filósofos – cuidavam do corpo e do espírito. Ocupavam-se do corpo e do sopro de vida que anima o corpo. [...] assim, pode-se dizer que o papel do biblioterapeuta é cuidar do fôlego da vida. Permitir que a pessoa respire, isto é, que desbloqueie suas tensões, que desabrocha, que desate os nós que travam a livre circulação do sopro. O biblioterapeuta vale-se, portanto, da palavra, da conversa, do diálogo.

A biblioterapia é basicamente o tratamento por meio de livros alargando ou dando suporte a tratamentos terapêuticos. Pode-se entender também como uma “aplicação refinada de uma função normal de aconselhamento” (PEREIRA, 1996, p. 39). Devemos entender essa atividade como extensão da atividade do bibliotecário mantendo um papel ativo e interativo para com os usuários buscando seu aperfeiçoamento intelectual. Neste momento o bibliotecário estaria fazendo uma mediação ou aconselhamento indireto através dos livros, quando, por exemplo, sugere leituras que irão ajudar o indivíduo durante o processo curativo.

Esse profissional deve estender as bases de informação e canais de comunicação com as pessoas que necessitam de leitura, seja para informação ou simplesmente para entretenimento, em vista a dirimir problemas não só individuais, mas sociais. Essas informações podem ser no sentido de a pessoa compreender melhor os transtornos que passam, seja uma doença psíquica ou uma física que acaba afetando emocional do paciente. Ou por outro lado aceitar o problema que está

passando como, por exemplo, aprender sobre a doença que sofre da mesma forma que ler relatos e/ou histórias sobre outras pessoas que superaram suas aflições.

Especialistas também entendem que a biblioterapia “vem ocupando uma parte da organização social que cresceu e se diversificou para atender às mudanças e necessidades psicossociais” (PEREIRA, 1996, p. 52). Desta forma podemos dizer que a biblioterapia tem uma função de melhoria social onde proporciona um tratamento agradável mantendo a mente sã. Esta terapia tenta tornar tratamentos mais agradáveis para pessoas fragilizadas em um ambiente onde muitas vezes não possui qualquer outro tipo de lazer.

Para criação de ambiente apropriado devemos entender não só o psicológico, mas o tangível e físico, sendo prestado o serviço em local oportuno e com uma estrutura específica para atender os usuários, onde não haja estresse, ou ainda possam ter privacidade se assim preferir.

Dessa forma, para o desenvolvimento eficiente da biblioterapia é interessante a presença de material próprio ao seu público, entendendo-se por este ambiente a presença de uma biblioteca adequada ou uma brinquedoteca, onde crianças que a frequentam encontre alegria e se sintam incluídas. Os pais e familiares podem acompanhar tanto no tratamento quanto realizarem a terapia. O médico americano Benjamim Rush em 1802 já afirmava que “para o divertimento e instrução dos pacientes de um hospital, uma pequena biblioteca deve, por todas as razões, ser parte do mobiliário” (PEREIRA, 1996, p. 37).

A biblioterapia observa três características: método, lazer e utilidade (CALDIN, 2001). O método é o princípio de que como ciência tem uma lógica e uma estrutura de aplicação devendo ser observada por profissionais. O lazer é o fato de como terapia humanizada tem a função de tornar o ambiente agradável. A utilidade deve ser entendida como a agregação de valor ou conhecimento adquirido com as informações repassadas.

Os tratamentos podem ser do tipo desenvolvimento, clínico ou institucional (CALDIN, 2001; PASSOS, 2018).

O primeiro tem função mais recreativa e preventiva, podendo ser implícito ou explícito, ou seja, não precisa necessariamente seguir rigorosamente os preceitos de um tratamento e um profissional especializado, praticável em instituições, equipes de estudo ou demais grupos.

Já o clínico tem a função curativa e de aliviar as dores do paciente acompanhando outros tratamentos se necessários e assim garantir a saúde do indivíduo, o tratamento pode passar também pela supervisão dos clínicos e médicos especializados na área de biblioterapia.

O institucional é feito por alguma entidade com alguma finalidade específica, sendo tradicionalmente mais didático para ensinar assunto.

Quanto aos três tipos de biblioterapia cada uma possui características diferentes quanto ao Formato, Cliente, Contratante, Terapêutica, Material usado, Técnica, Local e Meta. Pode se ver algumas características de cada tipo, conforme Tabela 1 de Pereira (1996).

Quadro 1 – Características dos três tipos de biblioterapia.

	INSTITUCIONAL	CLÍNICA	DESENVOLVIMENTAL
FORMATO	- Individual ou grupo geralmente passivo.	- Grupo Ativo voluntário e involuntário.	- Grupo Ativo Grupo voluntário
CLIENTE	Paciente médico ou psiquiátrico, prisioneiro ou cliente em prática privada.	Pessoas com problemas emocional ou comportamental.	Pessoa normal geralmente em situação de crise.
CONTRATANTE	Sociedade	Sociedade ou individual.	Individual.
TERAPÊUTICA	Equipe médica ou bibliotecária	Médico, instrutor de saúde mental ou bibliotecário, geralmente em consulta.	Bibliotecário, professor ou outros.
MATERIAL USADO	Tradicionalmente didático.	Literatura imaginativa.	Literatura imaginativa e/ou didática.
LOCAL	Discussão de material	Discussão de material, com ênfase nas visões e reações do cliente.	Discussão de material com ênfase nas visões e reações do cliente.
META	Geralmente informativo, com alguma visão interna.	Visão interna e/ou mudança de comportamento.	Comportamento normal e auto-realização.

Fonte: Pereira (1996, p. 59).

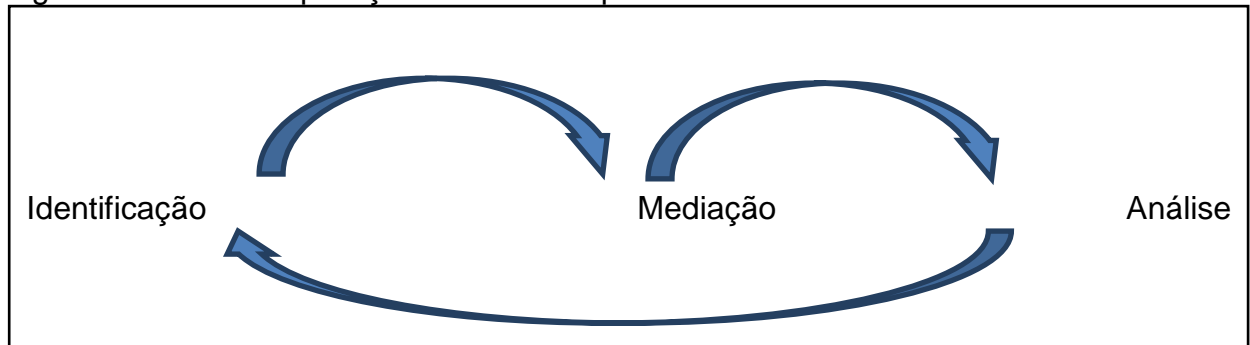
Os tipos de materiais utilizados podem ser de linguagem diferentes, seja de linguagens verbais ou linguagens não verbais. Os materiais de linguagens não verbais são os que utilizam outras fontes bibliográficas diferentes dos livros, como o teatro, música e a pintura. Essa linguagem tem o propósito complementar. A aprendizagem, uma comunicação que visa adequar a linguagem ao público específico, sejam de crianças ou deficientes. Os materiais de linguagem verbal estão ligados a informação e mensagem, sendo literários ou didáticos. Benjamim Rush no século XIX, já seguia uma ideia parecida e dividia os tipos de leitura em entretenimento e transição do saber (PEREIRA, 1996).

O material literário integra história com seus diferentes gêneros textuais além dos temas religiosos, que visam chamar a atenção de um leitor. Já o instrumento didático tem a função pedagógica de ensinar algum conteúdo, ou, são importantes para explicar os conceitos e definições a serem utilizadas para completar o entendimento dos materiais literários. Atualmente há diversos materiais híbridos que misturam os gêneros literários ao material didático agregando valor a informação, isto é importante, principalmente para crianças que por motivos de saúde ficam muito tempo distantes das salas de aula.

A biblioterapia como leitura dirigida pode ser feita através da orientação individual ou em grupo, a segunda é a mais comum, pois, melhor se desenvolveu ao longo dos tempos. E com isto pode-se dizer que a “biblioteca de grupo utiliza não apenas o material, mas o próprio grupo para facilitar o crescimento individual a fim de que a tensão terapeuta-cliente seja confortável” (PEREIRA, 1996, p. 50).

A terapia possui uma estrutura que é um ciclo onde percorre pela identificação, mediação e análise. Na identificação realiza-se o reconhecimento do paciente, seus gostos e preferências, de modo fazer então uma indicação de leitura, nessa primeira fase há o planejamento inicial de como acontecerá o processo pelo qual o paciente irá passar durante o tratamento (biblioterapia). A mediação é o modo como se conduz o que foi planejado, realizando um debate ou uma explicação onde se conversa sobre a sua percepção do conteúdo, explicando os demais pontos para entendimento e compreensão da obra lida. A análise acompanha todo o controle verificando como obra influenciou o leitor, se foi útil, causou algum efeito, agregou valor e promoveu aquilo proposto. Neste momento, há uma nova avaliação para possível reorientação de outra obra a ser indicada e assim começar um novo ciclo.

Figura 1 – Ciclo de aplicação da biblioterapia.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Desse modo podemos conceituar “Biblioterapia como uma atividade interessante e desafiante para o bibliotecário, uma vez que põe vida na palavra impressa, podendo o seu impacto sobre uma personalidade individual ter efeito curativo” (PEREIRA, 1996, p. 47).

A biblioterapia tem se mostrada uma prática eficaz onde combate e melhora os transtornos psíquicos dos que escolhem ou fazem o tratamento, mas devido a falta da prática da leitura algumas pessoas começam o tratamento com uma série de dificuldades entre elas a deficiência na habilidade de processar as informações e converter em conhecimento a serem usados no dia-a-dia, ou seja, o indivíduo pode não entender totalmente, pois seu cérebro não consegue ter atenção logo a associação, raciocínio e juízo de valor ficam comprometidos ao assimilar as informações.

5 METODOLOGIA

A pesquisa científica é uma investigação que realiza um estudo minucioso e sistemático obtido por observação ou experiência a fim de desenvolver conhecimento que por sua vez necessita apresentar uma base sólida sendo seus resultados verificáveis.

Para gerar a pesquisa científica é essencial saber o caminho a ser percorrido; o procedimento adotado para a aplicação da chamada metodologia, uma vez que “não há ciência sem emprego de métodos científicos” (MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 83). No presente estudo foi realizada uma investigação exploratória e qualitativa através da prática comparando ao descrito na literatura.

O trabalho utilizou o método indutivo de pesquisa que parte “de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal” (MARCONI, LAKATOS, 2007, p. 86). Neste sentido a pesquisa busca explicar que a biblioterapia realizada pelo projeto TL em um HOI em Belém do Pará, também é apropriado a demais instituições utilizando a mesma metodologia de aplicação realizada no referido Hospital.

Para dar fundamento ao assunto aqui tratado, a pesquisa ocorreu em três momentos, o primeiro foi feito o levantamento bibliográfico em que foi consultado livros, artigos, teses, monografias e dissertações em bases de dados, sites e demais plataformas sobre o tema biblioterapia e a perspectiva cognitiva do indivíduo a fim de cumprir com objetivo.

As bibliografias utilizadas neste trabalho foram retiradas de Bases de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), Repositório Institucional (RI) da Universidade Federal de Santa Catarina, Lume que é o Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Repositório Institucional da Universidade de Brasília (UnB), Repositório Institucional (RI) da Universidade Federal do Pará (RIUFPA), Workshop de Pesquisa em Ciência da Informação (WPCI) Biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Com a finalidade de investigação consideraram os próximos descritores: Biblioterapia, leitura terapêutica, benefícios da leitura, biblioterapia hospitalar, biblioterapia clínica, bibliotecário, mediação, aplicação da biblioterapia e ainda autoras como: Abreu *et al* (2012, 2013), Bortolin, (2014), Caldin(2010), Guedes (2013), Leite

(2009), Lobo (2017) Passos (2018) , Pereira (1996), Ratton (1975), Sebastião (2012), Silva (2011) e autor: Santos (2017).

No segundo momento buscou-se discutir o objetivo específico b) que analisa o papel do bibliotecário como mediador da biblioterapia;

E no terceiro momento desta pesquisa buscou-se resolver o objetivo c) para isto ocorreu a aplicação de um questionário aos voluntários do TL, conforme ANEXO A. Este questionário foi criado em duas partes, a primeira elaborada pela autora e a segunda foi baseada em um questionário encontrado no livro da Pereira (1996, p. 85) e as informações coletadas nesta etapa serviram para tentar compreender as dificuldades vivenciadas pelos voluntários da TL e descobrir que estratégias eles usavam para aplicar a biblioterapia.

Após os voluntários responderem o questionário foi decidido que durante a apresentação dos resultados e descrição dessa pesquisa suas identidades seriam mantidas em sigilo e para que haja uma identificação eles foram enumerados de Voluntário 1 a 12.

5.1 Elaboração do questionário

O questionário para este trabalho foi o instrumento escolhido para a coleta de dados que visou identificar os aspectos e experiências vividas pelos voluntários do projeto Turma da leitura. A ideia de aplicá-lo surgiu a partir do questionário da Pereira (1996, p. 85), no entanto ao decorrer da escrita deste trabalho houve a necessidade de criar novas perguntas que pudessem melhor identificar os entrevistados e para isso a autora fez perguntas como: nome, formação escolar, o tempo de participação no projeto Turma da leitura, a quantidade de colegas que iam a cada sessão aplicar a biblioterapia, ou ainda contar como ocorrida a interação dos responsáveis legais das crianças e a relação entre os voluntários e internos, as questões acima foram elaboradas a fim de compreender a experiência acadêmica e se havia uma qualidade de convivência entre as pessoas entre os envolvidos durante a recreação.

Na segunda parte do questionário as perguntas se voltaram para compreender como era os usuários durante as sessões de biblioterapia e neste momento as perguntas de Pereira (p. 85, 1996) foram adaptadas ou usadas conforme encontra-se em seu livro, as questões indagaram os tipos de leitura como sendo encorajadora, se foi deprimente, mórbido, ou, desgostosa. Além de procurar identificar

se as leituras lidas iriam fazer o paciente se identificar com os personagens e ainda descobri se as leituras encaram problemas e como os personagens enfrentavam suas dificuldades e quais as reflexões que este tipo de leitura poderia causar. A intenção dessa segunda parte era descobrir se os livros/leituras que há no hospital são condescendentes com as necessidades dos pacientes. Para a melhor compreensão do que foi elaborado, retirado ou adaptado de Pereira, vide Quadro 2.

5.2 Formação das categorias de análise

As categorias de análise foram elaboradas a partir do questionário em (ANEXO A) E para demonstrar as categorias que irão ser usadas neste subcapítulo criou-se o Quadro 1. Este quadro divide as questões elaboras pela autora desse trabalho e as que foram retiradas ou adaptadas de Pereira (1996, 85).

Quadro 2 – Categorias de análise

Categorias	Fonte
1 Formação dos voluntários	Elaborado pela autora.
2 Quanto tempo participou do projeto TL	Elaborado pela autora.
3 Quantos voluntários foram com você no dia da aplicação da biblioterapia	Elaborado pela autora.
4 Os responsáveis legais pelas crianças participavam da recreação? Se sim, descreva como se dava a interação.	Elaborado pela autora.
5 Como foi a interação dos voluntários com os internos e pais e funcionários? Descreva momentos que mais marcantes	Elaborado pela autora.
6 O que você leu que foi encorajador e útil?	Pereira (1996).
7 O que você leu lhe foi mórbido ou deprimente ou causou desgosto?	Pereira (1996).
8 Houve personagens de algum dos livros que você leu mais parecido com você?	Adaptado de Pereira (1996).
9 Houve algum problema encarado por algum dos personagens em algum livro que você leu, se sim discorra como eles resolveram suas dificuldades?	Adaptado de Pereira (1996).
10 Como é a informação oriunda da leitura e como essa reflexão se aplica a situação das crianças?	Adaptado de Pereira (1996).

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

As categorias no Quadro 2 serviram para discorrer a análise e discussões do próximo capítulo que foram divididas em 10 categorias que ora serão expostas por

gráficos e ora serão descritas tomando por base o que foi respondido pelos voluntários.

No próximo capítulo é abordado análise e discussões após a aplicação do questionário aos voluntários da TL.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

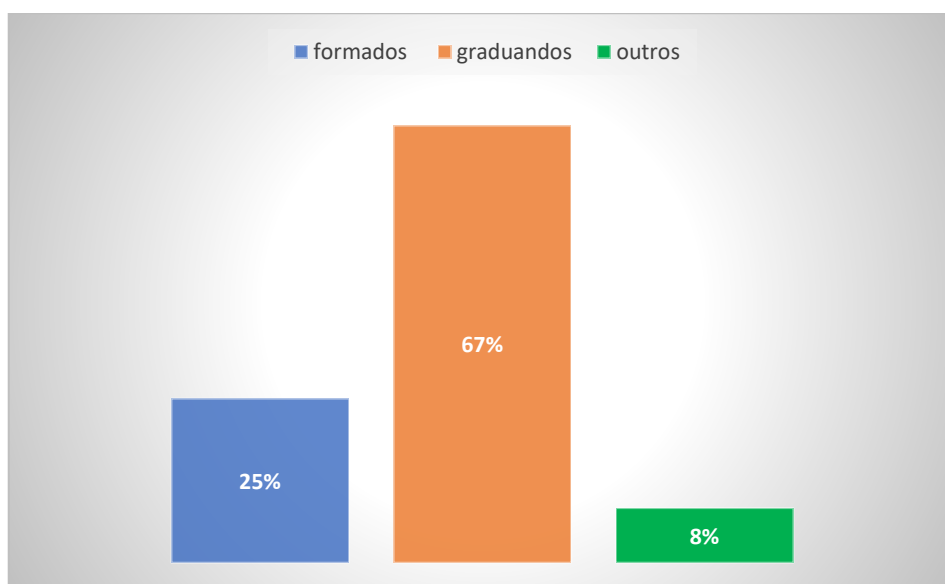
Este capítulo abordará a análise dos resultados obtidos conforme o questionário em (ANEXO A), nele há uma série de perguntas que foram aplicadas aos voluntários do projeto de extensão TL. No entanto, nem todas as perguntas foram respondidas pelos entrevistados e por conta desse fato ao lê-se este capítulo não será encontrado as respostas de todos os voluntários.

As perguntas se tornaram categorias e suas respostas serão representadas por gráficos ou descritas baseadas segundo as respostas dos voluntários, onde foi analisado como ocorria as sessões de biblioterapia e como eram contornavam as dificuldades encontradas.

Formação dos voluntários

Na primeira pergunta do questionário se verificou a formação dos voluntários do projeto de extensão TL. Se dividiu os grupos em Graduados e Graduandos em Biblioteconomia e em outros, pessoas com demais áreas de formação, conforme Gráfico 1. Foram separados pelo curso de biblioteconomia uma vez que a terapia realizada é uma área de estudo do curso.

Gráfico 1 – Formação dos voluntários.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Se verificou que 25% dos voluntários são formados em biblioteconomia, pois é um projeto de extensão originado na Faculdade de Biblioteconomia (FABIB).

Ainda dentro do grupo dos formados, uma das voluntárias relata que ao entrar no mestrado soube do projeto e manifestou interesse pela temática, pois acredita que é uma forma eficaz de tratamento. Além de ser uma maneira de levar literatura a pessoas que podem estar impossibilitadas de frequentar a escola.

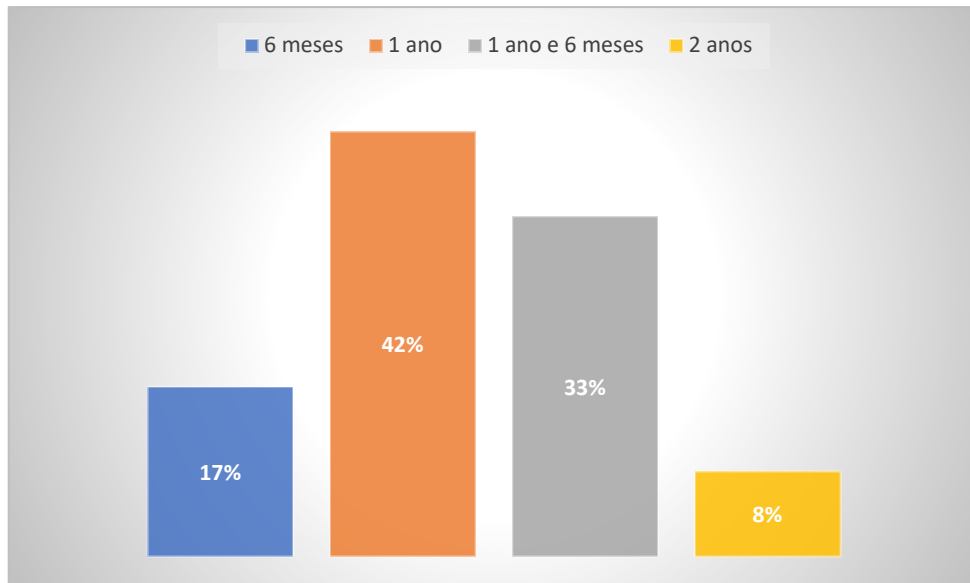
A maior concentração dos voluntários é formada por estudantes de biblioteconomia, que representam 67%. Observa-se que em geral há dois motivos que estimularam os graduandos a participar do projeto, conforme respondido no questionário. O primeiro deles se deve a atividade realizada no hospital ser um projeto de extensão e oferecer horas complementares para formação da graduação do estudante. A segunda envolve o interesse dos estudantes em participar de algum tipo de projeto social. Dessa forma muitos indivíduos agregaram as duas razões para participarem do projeto.

Os 8% no gráfico representam a menor quantidade de pessoas que não tem sua atividade profissional ligada a área e seu principal interesse, conforme o respondido, é a solidariedade. Essas pessoas souberam da atividade através de amigos e alguns por terem algum cunho religioso acreditam que a prática biblioterapêutica é uma forma de ajudar o próximo.

Quanto tempo participou do projeto TL

Nesta categoria foi elaborado o gráfico 2 sobre tempo de participação dos voluntários no projeto. A intenção do levantamento deste dado foi descobrir o interesse das pessoas em levarem a leitura para dentro do hospital e de darem continuidade em uma ação que traz apenas satisfação pessoal. O período considerado e apresentado foi segregado em categorias verificando o tempo aproximado de participação, de um ano a seis meses.

Gráfico 2 – Tempo de participação no projeto.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

As pessoas que participam por menos tempo do projeto, com 6 meses de atividade, representam 17%. Elas se mostram interessadas e aplicadas, sendo que estavam a menos tempo no projeto apenas por tomarem conhecimento da atividade mais tardiamente.

A maior parte dos voluntários frequentou o projeto em aproximadamente 1 ano, representando estes 42% dos pesquisados. Eles relataram que por conta da rotina e outras atividades cotidianas ficavam com tempo indisponível para realização da atividade no hospital, por conta disso muitos acabaram deixando o projeto.

O grupo de 33% representa as pessoas que estão aproximadamente 1 ano e meio no projeto, o que demonstra já certa persistência em continuar executando as atividades. Segundo alguns voluntários, eles desenvolviam outros projetos em outras instituições, e ao saber do TL viram uma nova oportunidade de participar levando recreação para as crianças internadas em hospital oncológico infantil.

O grupo com menos quantidade, 8%, retratam uma excepcionalidade, deles fizeram parte voluntários que trabalharam desde o início, o tempo de dois anos, todo período em que o projeto foi aplicado.

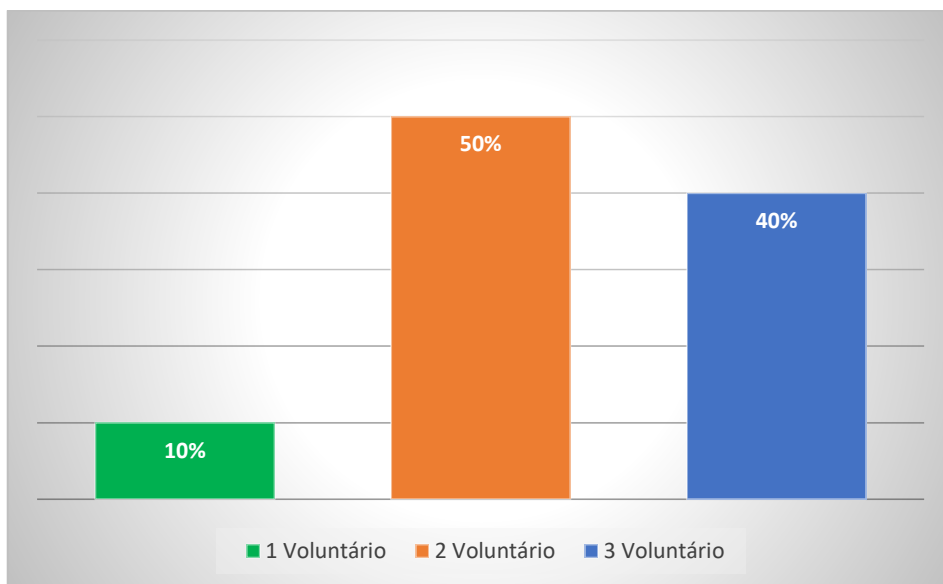
Após relatado o tempo de participação dos voluntários procurou-se saber quantos aplicados da biblioterapia formavam o grupo de cada sessão.

Quantos voluntários foram com você no dia da aplicação da biblioterapia

A resposta do número de participante sessão de biblioterapia foi bem variada mostrando que não houve uma quantidade constante de participantes em cada dia. Para organização do horário e da disponibilidade dos participantes os entrevistados disseram que foi feito uma escala entre eles. O gráfico 3 representa o número mínimo de participantes por sessão.

O mínimo de voluntários foi de 1 pessoa, em que 10% dos participantes responderam dizendo que chegaram algumas vezes a atuar sozinho. A maior parte dos participantes representa a metade, 50%, responderam que o mínimo de participantes foram 2. E 40% das pessoas responderam que o mínimo de voluntários foi 3.

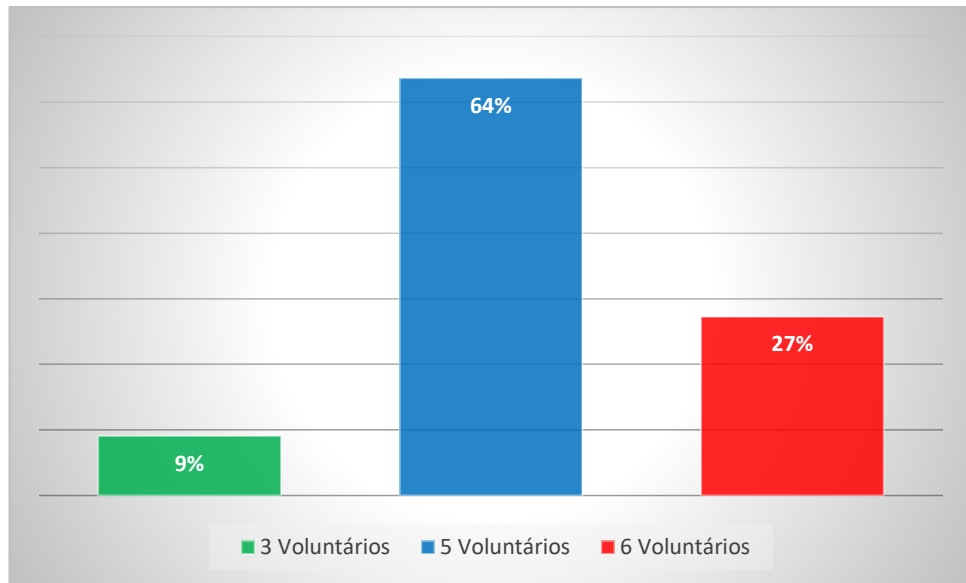
Gráfico 3 – Número mínimo de participantes por sessão.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Quando questionados sobre o máximo, conforme o Quadro 4, as pessoas participantes da sessão 9% responderam que foram até 3 voluntários, 64% responderam que foram até 5 voluntários, enquanto 27% responderam que chegaram a participar 6 pessoas da sessão.

Gráfico 4 – Número máximo de participantes por sessão.



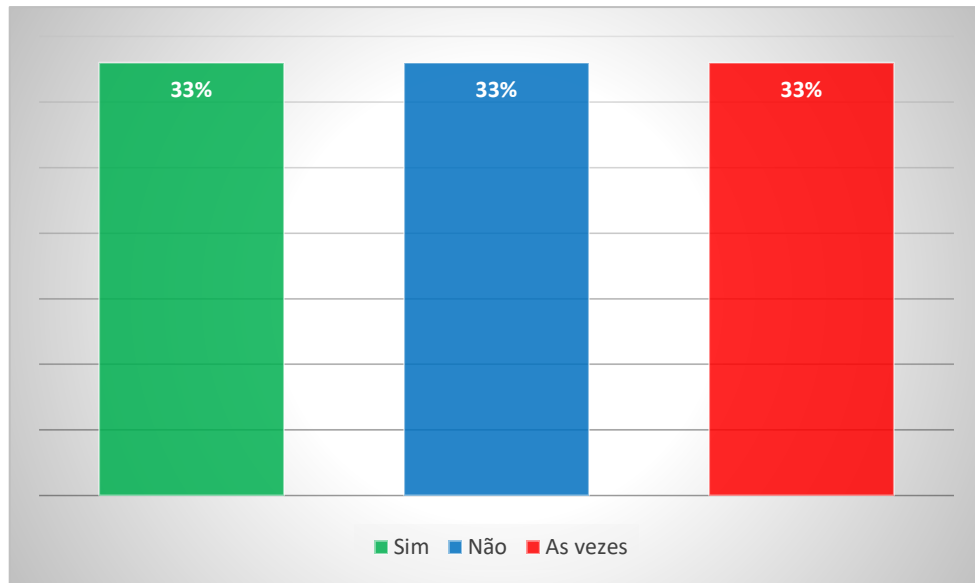
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O mínimo de pessoas que representaram do projeto foi de uma pessoa e o máximo foi de 6 participantes em uma sessão. Assim, podemos verificar que as respostas não são muito discrepantes, que em média participaram de 3 a 5 voluntários por dia em que a biblioterapia era aplicada.

Os responsáveis legais participavam da recreação? Se sim descreva como se dava a interação.

Para responder a primeira parte da pergunta desta categoria foi criado o Gráfico 5 e as respostas dos voluntários se dividiram em “sim”, “não” e “as vezes”. Este gráfico representa a interação dos responsáveis das crianças durante as sessões de biblioterapia.

Gráfico 5 – Participação dos responsáveis legais da recreação.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Como é possível visualizar no Gráfico 5, cada resposta corresponde a um percentual de 33% que somados correspondem a 100% dos dados coletados nessa parte do questionário.

É importante ressaltar que os responsáveis legais mais participativos nas sessões auxiliam e melhoram a interação das crianças e assim elas se sentiam mais acolhidas e a vontade para interagir com os voluntários.

Na segunda parte dessa categoria os voluntários que responderam sim em relação a participação os representantes legais das crianças descreveram que eles tinham o interesse em observar como ocorria a atividade, auxiliar os voluntários, mas ao mesmo tempo deixavam espaço para que o pequeno cidadão criasse certa autonomia ou independência.

Em outro momento um dos voluntários que respondeu, sim, relatou que os responsáveis demonstravam preocupação para que a criança fosse bem instalada no espaço de recreação e, em alguns momentos os próprios pais pegavam brinquedos para chamar atenção e posteriormente fazê-los participar mais ativamente da biblioterapia.

E outros momentos havia pais que participavam intensamente dos momentos recreativos e não deixavam as crianças aos cuidados dos voluntários no momento do lazer.

Os voluntários que responderam não em relação a participação do indivíduo que levava a meninada para a sessão biblioterapêutica, declarou que a maioria apenas observava ou estava somente para acompanhar o interno.

Já os que responderam as vezes pautaram que alguns pais interagem pouco e se encaixava também no grupo de pessoas que gostavam mais de observar, no entanto quando algo na história ou brincadeira chamava mais atenção eles eram proativos nas atividades vivenciadas no momento do voluntariado. Os que demonstravam desinteresse pela atividade realizada preferiam na maioria das vezes se ocupar com outras distrações ou ainda apenas deixam a criança no local da recreação e voltavam para o quarto.

**Como foi a interação dos voluntários com os internos, pais e funcionários?
Descreva momentos mais marcantes.**

Nesta categoria teremos três pontos a discutir e todos envolvem a interação com o voluntário. A descrição neste momento se embasou nas respostas dos voluntários considerando o ponto de vista deles.

A Voluntária 5 busca explicar quais os primeiros passos antes de se iniciar a sessão de biblioterapia “primeiro vamos até biblioteca e fazemos a seleção do acervo a ser utilizado na programação e depois nos dirigimos a brinquedoteca onde estavam as crianças”.

A Voluntária 3 discorreu a respeito da relação entre os próprios voluntários. Ela define eles como colegas pois a maioria faz parte do curso de biblioteconomia da UFPA e por conta disso e do projeto demonstravam afinidades por causas parecidas.

Os Voluntários 1, 2,3,4 e 6 relataram com mais evidência a interação entre eles e os pais ou responsáveis. Os Voluntários 2 e 4 definiram a interação dos pais como positiva, dizendo que eles conversavam, que eram “receptivos” e demonstram a aplicação da atividade. Já o Voluntário 3 define os pais apenas como atenciosos e presentes, procuravam ficar juntos, mas não participavam das atividades. De outro modo o Voluntário 6 procura explicar o afastamento dos pais dizendo que aquele poderia ser um momento de descanso dos pais. O Voluntário 1 pauta que a maioria dos pais eram receptivos e bastante comunicativos chegando a conversar e contar parte da história de vida deles como local e trabalho, cidade ou bairro que moravam, sejam da capital ou interior.

No local onde foi realizada a atividade há diferentes funcionários, muitos deles têm distintas relações com todas as pessoas, sejam os pais, voluntários ou os internos. Os principais funcionários, ou que tem relação direta com a atividade são as brinquedistas, mas aqui serão comentados de modo generalizado todos funcionários do hospital.

Os Voluntários 6 e 10 classificam os funcionários e a relação com os demais de uma forma positiva. O Voluntário 10 definindo como “amigáveis e afetuosos”. Já o Voluntário 6 define como “prestativos”, e na palavra dele demonstravam ser “felizes pelo trabalho que faziam”. O Voluntário 1 fala que “os funcionários eram sempre participativos e buscavam interagir durante a biblioterapia”. Os Voluntários 1, 2, 3 e 4 fazem uma definição parecida citando a relação como “boa”, falando que eles buscavam “apoiar a atividade”, além de dar instruções gerais e orientações sobre cuidados de saúde em relação a execução da atividade. O Voluntário 7 classifica a relação como negativa, definindo-a como “conflituosa”.

Quanto a relação dos voluntários com os internos o Voluntário 2 comenta que “interagem”. O Voluntário 4 descreve essa interação falando que “acontecem de diversas formas, lendo, brincando, interpretando, fazendo mímica, pintando, sempre fazendo um link das demais atividades com a leitura”, mostrando que a biblioterapia perpassa pelo repasse de informação, não se dando apenas por livros. O Voluntário 6 define os internos de modo geral como “alegres” do mesmo modo que a Voluntária 5 quando fala que houve momentos com “interação boa”, enquanto o Voluntário 2 fala, que por vezes “podiam ver o prazer deles naquele momento”.

Por outro lado, o Voluntário 5 também fala que houve momentos que encontrou internos que “não mostraram muito interesse pelos livros, apenas pelos brinquedos”. Um das justificativas que a Voluntária 5 dá é a de que havia momentos que os internos estavam “recebendo medicação e não estava se sentindo muito bem”.

O Voluntário 8 fala que a interação depende de como se desenvolve o trabalho, que para ser eficaz o voluntário “precisa ganhar confiança da criança” descrevendo um momento: falando que “as vezes a interação iniciava com os brinquedos ou jogos, sempre os livros estavam presentes, por exemplo, era dito a eles que se ganhassem em um referido jogo eles poderiam escolher algum livro para ser lido”. O Voluntário 5 corrobora a ideia da escolha dos internos descrevendo: “ofertávamos os livros a leitora para que escolhesse e então cada voluntário realizou sua mediação”.

O Voluntário 1 relata que tinha contato com as mesmas crianças: “pude perceber uma evolução de algumas crianças, eles se sentiam bem e quando visitávamos novamente percebia a evolução e melhora, pois se sentiam mais à vontade e mais ligados intimamente, tinham segurança e confiança e por várias vezes os internos me reconheciam e eles mesmos buscavam os livros de sua preferência”, desta forma é ratificado o relatado pelo Voluntário 8 sobre ganhar a confiança das crianças.

O Voluntário 6 definiu o projeto como “gratificante” e os Voluntários 2, 9, 11 e 12 definiram como positivas as relações em geral, sejam boas ou ótimas.

Na segunda parte do levantamento que foi baseado no questionário da Pereira (1996. p. 85) e os voluntários precisavam relatar suas experiências durante o processo de biblioterapia e com isto descrever se o que era lido foi encorajador e útil; mórbido, deprimente ou se causou algum desgosto entre outros aspectos. Vale ressaltar que alguns dos entrevistados não souberam responder.

As perguntas desta segunda parte serão também separadas por categorias e enumeradas de **a) a f)**.

O que você leu foi encorajador e útil?

Os Voluntários 1, 2, 3, 7,9 e 10 responderam que sim, o Voluntário 10 diz que recorda de ter lido um livro que apresenta “uma joaninha muito pequena, mas muito corajosa”.

Já o Voluntário 1 detalhou relatando que “a maioria dos livros possuíam histórias que incentivavam o encorajamento, falavam de amizade, família, animais, entretanto há dois que mais chamaram atenção, o primeiro é ‘Eu sou assim e vou te mostrar’, o livro fala de maneira lúdica das diferenças entre os animais e traz uma comparação entre as pessoas, a escrita do livro é feita com rimas o que torna a leitura mais engraçada”. Em outras palavras este voluntário fala “O livro fala de diversidade explica que algumas pessoas são altas, outras baixas, gordinhas e outras magrelas, todas maravilhosas”.

O segundo livro citado também fala de diversidade e é intitulado em ‘Tudo bem ser diferente’, este livro dedica-se a falar “de maneira divertida, simples e completa, alcançada o universo infantil e abordando assuntos que deixam os adultos de cabelos em pé, como adoção, separação de pais, deficiência física, preconceito

racial, entre outros” O voluntário fala que retirou o resumo entre aspas acima da internet, pois lembrava pouco do assunto, mas que o título havia recordado. Neste ponto pode-se dizer que esta leitura ajudaria, por exemplo, uma criança entender ou aceitar um possível divórcio entre os pais.

O Voluntário 7, fala que “as narrativas contribuem grandemente para a formação do leitor, no entanto, a poesia, por exemplo, “é considerada um texto literário que também contribui para a formação do leitor crítico por propiciar o desenvolvimento da imaginação, criação e o prazer da leitura”.

Esta mesma pessoa ainda discorre sobre uma passagem de Cecília Meireles ‘O menino quer um burrinho que saiba inventar histórias bonitas’ ele diz que “os versos delicados encontrados nos textos falam sobre a necessidade do menino ter um companheiro para conversar e desbravar o mundo” e na ideia dele as crianças internadas, por exemplo, “possuíam a necessidade dos voluntários da TL para conversar e desbravar o mundo a partir da leitura.

Neste seguimento foi discorrido sobre os tipos de leitura realizadas durante o projeto, a seguir será abordado sobre os efeitos das leituras.

O que você leu foi mórbido ou deprimente ou causou desgosto?

Todos os voluntários responderam unanimemente que não tiveram contato com livros deprimentes ou tristes. Como ressaltou anteriormente o Voluntário 5 que uma preparação antes da recreação onde os materiais são selecionados e posteriormente levados a sessão de biblioterapia.

Há livros, por exemplo, que possuem temáticas polêmicas ou temas tabus, assim qualquer restrição ou limitação com temas não adequados deve ser verificado com os responsáveis. Mesmo quando livros infantis falam sobre o medo, raiva ou sentimentos similares é para encorajar, ensinar, ajudar e aprender a lidar com esses sentimentos. Cabe ressaltar que isso passa também pela seleção e o fato do mediador saber expor o assunto.

O Voluntário 8 diz que “pode haver livros que não são apropriados para a situação, mas se deve buscar a oportunidade para conversar sobre esses temas”. Ele relata: “em umas das visitas perguntei a mãe se podia ler o livro escolhido pela criança, o livro retratava o pai como um super-herói, meu receio era o medo do pai ser ausente,

mas a mãe disse [...] seria que uma ótima leitura, pois o filho amava muito seu pai [...] eu li, e a ele (a criança) adorou”.

Houve personagens de algum dos livros que você leu mais parecido com você?

Das pessoas perguntadas 75%, a maioria não respondeu, não recordam ou não souberam responder adequadamente. Dois dos Voluntários, sendo o 7 e 9, disseram que se identificaram com algum personagem, um citou a “história da joaninha” que fala de coragem, um outro citou a história de algum avô.

O Voluntário 8 faz uma reflexão e diz: “Não procurava me ver nos personagens dos livros. Escolhia de acordo com a característica das crianças, idade, etc. sem procurar me ver em um personagem”.

Houve algum problema encarado por algum dos personagens em algum livro que você leu? se sim discorra como eles resolveram suas dificuldades?

Neste questionamento, novamente a maioria dos voluntários não souberam responder ou não se recordavam. Os poucos que relataram falaram algumas dificuldades de personagens que lhe chamaram atenção e como resolviam os problemas.

Livros que possuam algum tipo de dificuldade enfrentada na história são importantes. Isso porque geralmente possuem algum tipo de ensinamento, como as fábulas. Elas podem proporcionar uma capacidade de aprendizado que um conselho não alcançaria com tanto êxito.

Uma história que o paciente se identifique como personagem, por exemplo pode o encorajar. As vezes durante a sessão de biblioterapia o paciente ao se identificar com certas leituras começava a contar suas próprias vivências ou lembravam de outros contos que gostavam muito e repassavam ao biblioterapeuta, pode-se dizer que isso representa uma identificação e que a sessão daquele dia foi satisfatória porque a interação com a leitura era de fato perceptível.

Apesar disto o Voluntário 8 diz que “não focava em livros que relatassem problemas” fala que passava por outras temáticas para tirar a atenção dos problemas

enfrentados e buscava um momento de diversão para distrair “lia livros sobre amizade, família e curiosidades”.

O Voluntário 1 cita duas histórias, uma de um *best-seller* como a do Pequeno Príncipe, outra do Cavaleiro Preso a Armadura. O primeiro livro mostra “um personagem com muita imaginação, que tinha problemas e responsabilidades diárias de cuidar de uma planta e outros problemas e cuidados comuns”.

O outro era “‘Um cavaleiro muito vaidoso’ que dava valor excessivo a sua armadura, mas no fim depois de uma longa jornada deu valor a família e outras coisas que realmente importavam”.

O Voluntário 9 cita uma história de “um inventor que nunca desistia de suas invenções” e que ao fim da história resolvia sua dificuldade “acreditando nele mesmo”.

O Voluntário 10 cita “a joaninha que não sabia voar muito alto e não conseguia fazer amigos”, mas fala que ao fim “ela se mostrou corajosa em enfrentar seu medo de voar”.

Por fim o Voluntário 11 fala sobre um personagem com dificuldade “em se aceitar”, mas acabou resolvendo seus problemas “pedindo ajuda aos amigos”.

Como é a informação oriunda da leitura e como essa reflexão se aplica a situação das crianças?

Novamente 75% dos entrevistados não respondeu ou disse não recordar das reflexões que os livros traziam. No entanto os voluntários 8, 9, 10 e 11 discorreram sobre considerações da leitura aplicada.

O Voluntário 8 diz: “o objetivo era despertar a atenção para uma leitura lúdica sem o sentido de obrigação”. O lúdico é “um facilitador e contribuinte na aquisição da leitura e da escrita num mundo alfabetizador e letrado” (ARAÚJO *et al*, 2013. não paginado). Ele ainda relata que “leu livros sobre amizade, futebol, família e brincadeiras de crianças e que essas histórias traziam aprendizado principalmente por conta da curiosidade e de quando os internos faziam mais perguntas sobre a história” isso justifica a necessidade do brincar e aprender.

O Voluntário 9 discursa a importância de histórias que encorajam as pessoas a não desistirem e narrativas que reforçam a ideia de quando houver um problema, há uma solução. Com esse tipo de enredo é válido dizer que uma criança em situação problemática pode passar a acreditar que a situação em que vive irá

melhorar, dando dessa forma esperança e reconforto que é um dos objetivos da biblioterapia.

O Voluntário 10 disse que leu uma narrativa curta e que não havia problemas na história.

O Voluntário 11 afirma que leituras que remetem “situações difíceis são necessárias, pois elas podem dar um novo olhar e outras perspectivas da situação em que uma pessoa possa estar inserida e a imaginação para solução é uma excelente amiga.

Nesse seguimento foi exposto as principais experiências e interpretação de como funciona a biblioterapia e o próximo subcapítulo é feito um aparato de forma geral das análises dos resultados obtidos neste capítulo.

6.1 Discussão geral dos resultados: dificuldades e estratégias identificadas

Este subcapítulo versa sobre a análise desta pesquisa e para apresentar os principais obstáculos e técnicas relatadas pelos voluntários foi criado o Quadro 3, nele irá ser apresentado as principais dificuldades que os voluntários da Turma da Leitura (TL) vivenciaram durante a aplicação de biblioterapia em um Hospital oncológico da cidade de Belém e quais estratégias eles usavam para quebrar as barreiras encontradas.

Conforme pode ser verificado no Quadro 3, a cada dificuldade encontrada foi criada uma sugestão/solução para resolver o problema identificado pelos voluntários foi usado uma estratégia para prender a atenção dos que participavam das sessões de biblioterapia.

Quadro 3: Dificuldades e estratégias enfrentadas pelos voluntários do TL

Dificuldades	Estratégias
1- Descompromisso de alguns voluntários	- Dividir horários em escalas e separar voluntários mais compromissados
2- Relação conflituosa entre voluntários e funcionários	- Procurar participação e incentivo dos funcionários
3- Crianças que preferem brinquedos e jogos	- Utilizar jogos para atrair para os livros e ganhar a confiança das crianças
4- Crianças que não gostam de livros	- Usar outras estratégias como teatro ou oficina para chamar atenção
5- Falta de biblioteca nas instituições	- Procurar criar espaços apropriados e aconchegantes

6- Analfabetismo	- Aulas para manter a educação mesmo com tratamento
7- Falta de participação dos pais	- Buscar conversar e conseguir o incentivo, sem participação excessiva
8- Livros não apropriados	- Buscar livros encorajadores, que as incentivem e que se possam ver nas histórias
9- Crianças medicadas ou enfraquecidas	- Atuação no leito de modo cauteloso

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

Uma das primeiras dificuldades durante os dias em que ocorriam as sessões biblioterapêuticas era a questão do horário, onde as vezes os voluntários detinham dificuldades para adaptar suas outras atividades ao horário do voluntariado do projeto Turma Leitura.

A segunda dificuldade encontrava ocorria pois em determinados momentos a relação entre alguns funcionários e voluntários era conflituosa onde por algumas vezes, aparentemente, o trabalho realizado no hospital não era reconhecido como eficaz, mas vale ressaltar que as vezes os funcionários se faziam ausente do local onde era aplicado a biblioterapia.

O terceiro e quarto problemas estão ligados, pois as crianças que não gostavam de livros eram as que preferiam jogos ou os brinquedos, entretanto para conquista a confiança das crianças os voluntários por vezes brincavam e jogavam com elas, e após essa ação era raro a vez em que não se conseguia ao menos ler um livro para o interno e assim pode- se afirmar que atitudes que acometem brincadeiras são eficazes para uma pré-sessão de leitura terapêutica.

Atrelado aos dois problemas relatados anteriormente podemos falar do quinto, a falta de um local adequado para lermos às crianças, o ideal seria uma biblioteca onde os livros seriam os principais meios de atração para as crianças. No entanto compreendemos que os brinquedos muitas vezes auxiliavam no momento do lazer e por isso os voluntários se utilizavam dos recursos ali disponíveis.

Em relação a oitava dificuldade ao relatar sobre os livros não apropriados está se falando de livros encorajadores, principalmente, mas cabe ressaltar neste momento que há uma necessidade de classificar os livros conforme a faixa etária dos internos.

No nono e último quesito é falado das crianças que estão no leito e por conta da medicação é necessário que haja uma melhor preparação dos voluntários que poderiam encarregar-se de levar a biblioterapia no leito.

Com base no Quadro 2 deduz-se que a partir das dificuldades encontradas é possível obter solução para tornar a aplicação da biblioterapia mais eficaz. São

usadas estratégias que ampliam de forma astuta a prática biblioterapêutica e assim é possível desenvolver habilidades e contornar os obstáculos.

Os voluntários da TL por exemplo utilizavam jogos, encenações, oficinas de origami, ou procuravam conversar com a criança a fim de conquistar sua confiança e descobrir qual tipo de leitura poderia chamar mais a atenção do interno.

No próximo capítulo é discorrido as considerações finais desta pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral verificar a eficácia do estudo de biblioterapia como tratamento auxiliador para crianças internadas em um hospital oncológico infantil da cidade de Belém e para cumprir o objetivo específico a) foi apresentado conceitos de biblioterapia e como o processo cognitivo atua no personagem que participa da leitura terapêutica. Neste momento foi possível descobrir que se deve selecionar leituras conforme a personalidade do indivíduo para que a interpretação da obra seja mais benéfica isso porque o processo cognitivo e a emoção andam juntos e a leitura em que o paciente se identifica com os personagens são mais satisfatórias para as pessoas.

Durante a pesquisa sobre biblioterapia descobriu-se que ela é um novo ramo da biblioteconomia na qual vem crescendo seu campo de pesquisa acadêmico. O estudo verifica o funcionamento e aplicação da terapia como ciência e sua organização desde a seleção do material até sua aplicação e análise e esta ciência e por isso o objetivo específico b) buscou bibliografias que comprovassem a atuação do bibliotecário como mediador da biblioterapia e neste momento da pesquisa foi revelado que o bibliotecário pode atuar como biblioterapeuta quando possui alguma especialização na área, ou então, ele deve atuar em conjuntos com outros profissionais que dominem mais de teorias comportamental e social, caso o bibliotecário não atue conforme citado anteriormente, ele pode trabalhar com a seleção de materiais, no entanto ela precisa conhecer o histórico dos pacientes a fim de selecionar ou recomendar leituras apropriadas a cada paciente. Outro ponto relevante quando bibliotecário for biblioterapeuta é que este pode analisar as dificuldades e elaborar estratégias com o intuito de melhorar a técnica de aplicação biblioterapêutica.

A pesquisa monitorou a atividade dos principais aplicadores da biblioterapia e identificou informações sobre os voluntários, as pessoas que trabalham empregando esta terapia no HOI de Belém. O estudo verificou que a maioria dos aplicadores da biblioterapia são estudantes de biblioteconomia que buscam ações que se relacionam ao curso, além de uma atividade social; que em média participaram da atividade por um ano; e que em geral atendem duas crianças por sessão.

Foi possível identificar algumas dificuldades na aplicação da terapia por conta da estrutura, dos personagens e da técnica em si. Da estrutura como local

adequado e os cuidados especiais requeridos no hospital, foram contornados buscando criar um espaço apropriado e um ambiente mais aconchegante, além de tomar precauções e cuidados com as pessoas mais fragilizadas.

O objetivo específico c) levantou seus dados através de um questionário aplicado aos voluntários do projeto biblioterapêutico chamado: Turma Leitura, este grupo atuou em um hospital oncológico infantil na cidade de Belém e os principais pontos questionados foram quais as dificuldades os voluntários tiveram durante a aplicação da biblioterapia e quais as estratégias que eles utilizavam para contornar as barreiras sofridas durante a aplicação da recreação.

Foram encontradas distintas dificuldades, quanto aos personagens, por exemplo foi verificado a relação conflituosa e falta de participação de alguns responsáveis, se buscou conversar com as pessoas procurando reconhecer sua situação e tentando incentivar sua participação. Na aplicação da biblioterapia se constatou dificuldades como o analfabetismo e falta de interesse de alguns internos, assim se utilizou de outras atividades e/ou o uso de brinquedos de modo ganhar a confiança e atraí-los aos livros e a atividade biblioterapêutica.

Além disso, o exercício biblioterapêutico ganhou uma aceitação positiva dos internos mostrando dessa forma sua eficácia como técnica adjuvante no tratamento dos hospitalizados e seus acompanhantes. O trabalho ainda foi classificado como “gratificante” por muitos dos que participaram e com isso podemos considerar que a atividade biblioterapêutica atrelada aos conhecimentos acadêmicos tem um relevante papel social.

A aplicação da biblioterapia cumpre sua atuação ao proporcionar um tratamento mais humanizado que melhora dessa forma a estadia dos internos de um hospital pois na maioria das vezes o atendimento é estritamente técnico e por isso a biblioterapia busca levar recreação ou ensinamentos de modo que preste um serviço social para a comunidade hospitalizada.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Cristina; ZULUETA, Maria Angeles; HENRIQUES, Ana Bela. Biblioterapia: estado em questão. **Cadernos BAD**, v.1/ 2, p. 97-111, 2012/2013. Disponível em: <<https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1033/1049>> Acessado em: 10 out. 2018.

ALMEIDA, Miriam Lúcia de; BORTOLIN, Sueli. Biblioterapia e a recepção da literatura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2013, Florianópolis. **Anais ... Santa Catarina: FEBAB**, 2013. p. 272-287. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/viewFile/1247/1248>> Acesso em 10 abr. 2019.

ALVES, Marília Amaral Mendes; BERNARDO, Hugo da Costa Maia. Biblioterapia na UNIRIO: uma proposta de ensino e extensão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. **Anais ... Ceará: FEBAB**, 2017. Não paginado. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/2158/2958cb162cd58dc71bbc8a4cf96893c1e1a6.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

ANDERSEN, Elenice. Uma proposta para o ensino da compreensão leitora em uma concepção de educação cognitiva. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 22, n. 44, p. 219-232, jan. /abr. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/download/P.2358-3428.2018v22n44p219/13265>>. Acesso em 12 maio. 2019.

ARAÚJO, Érica Cibelle de Sousa; SILVA, Amanda Paula; CARVALHO, Luana Lira; SILVA Morgana Cavalcante da. Leitura e escrita: o lúdico no espaço escolar como facilitador do processo ensino-aprendizagem. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 5., 2013. Vitória da Conquista. **Anais ... Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**, 2013. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_or_al_idinscrito_660_8f5c27c107c6e84d3b107536a6fca626.pdf>. Acesso em 08 jun. 2019.

BORTOLIN, Sueli; MUCHIUTTI, Claudio Junior. Biblioterapia através do tempo e das áreas: primeiras considerações. In: WORKSHOP DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO, 3., 2014. Londrina. **Anais ... Londrina: Universidade Estadual de Londrina**, 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/wpci2014/wpci2014/paper/download/212/14>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

BRASIL. Projeto de lei n. 4.186, de 2012. (Câmara dos deputados). Dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados

do Sistema Único de Saúde – SUS. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=101209>
Acesso em: 20 maio. 2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia.

Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, jan. /jun. 2001. - ISSN 1518-2924. Disponível em <<http://www.encontros-bibli.ufsc.br>>. Acesso em 30 abr. 2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia:** um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

CASTRO, Joselaine Sebem de. **A influência do conteúdo emocional na recordação de textos: uma abordagem conexionista.** 2009. Tese (Linguística aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em:

<<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/1926/2/418700.pdf.txt>>. Acesso em 30 abr. 2019.

CITRON, Francesca M.M; GRAY, Marcus A.; CRITCHLEY, Hugo D.; WEEKES, Brendan S.; FERSTL, Evelyn C. Emotional valence and arousal affect reading in an interactive way: Neuroimaging evidence for an approach-withdrawal framework.

Neuropsychologia, v. 56, n. 100, p. 79-89, 2014. PMID. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4098114/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

FERREIRA, Daniele Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD.** Educação Temática Digital, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47. jun. 2003. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/etd/biblioterapia.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

GUEDES, Mariana Giuberti. A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/132013_MarianaGiubertiGuedes659/1/.pdf>. Acessado em: 25 set. 18.

GRASSELLI, Leticia Aurora de Almeida; NUNES, Yasmin Perira. Biblioterapia: a mediação da leitura como recurso terapêutico. *In:* ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 2., 2015, São Carlos. **Anais ...** São Paulo: UFSCAR, 2015. p. 41-47. Disponível em:

<<http://www.2erebd.ufscar.br/index.php/erebd/erebd/paper/view/23>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

HANNIGAN, Margaret C. The librarian in bibliotherapy: pharmacist or bibliotherapist? **Library Trends.** Library Adult Services and Hospital, New York, v.11, p. 188-198, out. 1962. Disponível em:

<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.560.7886&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 5 maio. 2019.

FERREIRA, Daniele Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD**. Educação Temática Digital, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47. jun. 2003. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/etd/biblioterapia.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

FONSECA, Tânia de Fátima Gontijo; TORRES, Margarita Rodrigues. Leitura: asas da liberdade: projeto humanizador à luz da biblioterapia com ação social transformadora nos envolvidos. *In*: ENCUESTRO DE DIRECTORES Y DE DOCENTES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA Y CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DEL MERCOSUR, 8., 2012, [s.l.]. **Anais ...** [s.l.], 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11462570-Leitura-asas-da-liberdade-projeto-humanizador-a-luz-da-biblioterapia-com-acao-social-transformadora-nos-envolvidos.html>>. Acesso em 10 jan. 2019.

HASSE, Margareth. **Biblioterapia como texto**: análise interpretativa do processo biblioterapêutico. Orientadora: Denise Correa Araújo. 2004. 124 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Faculdade de Comunicação e Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/infotec/teses-03-04/resumo_3018.html>. Acesso em: 12 jan. 2019.

KINNEY, Margaret M. The bibliotherapy program: requirements for training. **Library Trends**. School of Information Sciences, v. 2, n 11, p. 127-135, 1962. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/6064/librarytrendsv11i2e_opt.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 15 jan. 2019.

LARROZA, Elenice. Leitura: emoção, prazer. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2001. Disponível em: <http://pos.ucpel.edu.br/ppgl/wp-content/uploads/sites/4/2018/03/Leitura_emocao_prazer-Elenice_Larroza.pdf>. Acesso em 20 maio. 2019.

LEITE. Ana Claudia de Oliveira. Biblioteconomia e biblioterapia: possibilidades de atuação. **Revista de Educação**. Universidade de São Carlos, São Paulo, v.12, n. 14, p. 23-37, 2009. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/view/1877>. Acesso em: 22 ago. 18.

LOBO, Laís Machado. **A biblioterapia como proposta de um programa para portadores de deficiência visual na seção braille da Biblioteca Pública Arthur Vianna**. 2017. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <<http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/89>>. Acesso em: 6 set. 2018.

LUCAS, Eliane. R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA. Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v.11 n.3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível

em:<<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000004279/32ad1636a6d3ce84c9e4aaa13e29e516>> Acesso em: 29 nov. 2018.

MARCONI, Maria de Andrade; Lakatos, Eva Maria. Fundamentos da metodologia científica. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MENDES, Rosa Maria Bandeira Paixão. **A Literatura e a biblioterapia para crianças com problemas de aprendizagem**. 2008. 126 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação e Bibliotecas) – Universidade Potucalense, Porto, 2008. Disponível em:<<http://repositorio.uportu.pt:8080/bitstream/11328/150/2/TMEB%201.pdf>>. Acessado em: 10 mar. 2019.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catálogo no plural**. Brasília: Brinquet de Lemos, 2009.

NASCIMENTO, Ruben de Oliveira. Processos cognitivos como elementos fundamentais para uma educação crítica. **Ciência e Cognição**. Uberlândia. v. 14, n. 1, 265- 282, 2009. Acesso em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/51> > Acesso em 12 maio. 2019.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PASSOS, Sandy Larissa Souza dos. **As atribuições da biblioterapia desenvolvida em projetos**. Orientadora: Franciele Marques Redigolo. 2018. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1291>. Acesso em: 31 out. 2018.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: Proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

PERISSÉ, Gabriel. Ler, pensar e escrever. 4 ed. São Paulo: Arte e ciência, 2004. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/399466078/Ler-Pensar-e-Escrever-Gabriel-Perisse-pdf>> Acesso em 1 maio. 2019.

PINHEIRO. Edna gomes. Biblioterapia para o idoso projeto renascer: um relato de experiência. Informação e Sociedade, Fortaleza, v. 1, n. 8, 155-163, 1998. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/12/pdf_d9e97f5937_0013848.pdf>. Acesso em 3 maio. 2019.

PINTO, Amâncio da Costa. Memória, cognição e educação: implicações mútuas. **Edinova**, Campo Alegre, v 94, n 113, 17-54, 2001. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/docentes/acpinto/artigos/16_memoria_e_educacao.pdf>. Acesso em 01 maio. 2019.

RATTON, Ângela M. L. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975. Disponível em:

<<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000002656/0b3da86eac29ee0efde1c066b4026a84/>> Acesso em: 28 de set. de 2018.

REDIGOLO, Franciele Marques. **Turma da Leitura**: leitura para pacientes do Hospital Oncológico Infantil da Cidade de Belém-PA. 2016. Projeto de Extensão – Universidade federal do Pará, Belém, 12 p. 2016.

ROSA, Aparecida Luciene Resende. **As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a biblioterapia**. 2006. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade do Rio Verde, Minas Gerais, 2006. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/imagens/2017/mestrado_letras/APARECIDA_LUCIEN E_RESENDE_ROSA.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SANTOS, Jussara Pereira; NEVES, Iara Conceição Bitencourt; JOB, Ivone. A Estrutura da Carreira em Biblioteconomia: contribuição à Classificação Brasileira de Ocupações. **Em questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p41-61, jan. – jun. 2004. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/82>>. Acesso em: 3 maio 2019.

SANTOS, Wenner Daniele Venâncio dos; TARGINO, Eliene da Silva. Doenças de **Alzheimer em suas possibilidades de tratamento**. Psicologia. Pt, 2017. Disponível em:<<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1199.pdf>>. Acesso em: 6 out. 18.

SEBASTIÃO, Maria Margarida Coelho Pereira. **Biblioterapia**: a função terapêutica do livro em ambiente prisional. Orientadora: Gisélia Felício. 2012. 98 f. Tese (Doutorado Em Ciências Documentais) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3653/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Biblioterapia.pdf;sequence=1>>. Acesso em: 25 set. 18.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: Uma experiência com pacientes internados em clínica médica. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Faculdade de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/78289>>. Acesso em: 2 maio 2019.

SILVA, Carla Sousa da. **Biblioterapia no Brasil e na Polônia**: distâncias e aproximação a partir da literatura científica. 2017 Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/179007>> Acesso em 10 jun. 2019.

SILVA, Maria Alves da. **Uso da biblioterapia em pacientes de pediatria**: o caso do Projeto em Biblioteca Viva em Hospitais. 2013. 43 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/80882148-Mariana-alves-leal-da-silva-uso-da-biblioterapia-em-pacientes-de-pediatria-o-caso-do-projeto-biblioteca-viva-em-hospitais.html>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SILVA, Taise Maria da. **Como o bibliotecário pode se inserir nas atividades de leitura como biblioterapia?** Orientadora: Maria do Socorro de Azevedo Borba. 2011. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/1/181/1/ComoOBibliotecario_Silva_2011.pdf>. Acesso: 10 maio. 2019.

SOUSA, Caroline da Silva; SANTOS, Andréa Pereira; RAMOS, Rubem Borges Teixeira. Ações e projetos de biblioterapia: uma revisão de literatura brasileira CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais ...** Santa Catarina: FEBAB, 2013. p. 3340-3355 ISSN: 2318-5546. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/download/1500/1501>>. Acesso em: 7 maio. 2019.

SOUZA, Lucas Inacio de; GONZALEZ, Mônica Elizabeth Yañez; SANCHES, Ana Carolina. Biblioterapia: uma vivência biblioterapêutica de desenvolvimento com alunos da disciplina de Biblioterapia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). **Revista ACB**, v. 23, n. 2, p. 322-336, jul. 2018. Disponível em: <<https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1503>>. Acesso em: 3 maio 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Departamento de Ciência da Informação, Faculdade de Biblioteconomia. **Ementa do Curso**. Disponível em: <http://www.uel.br/prograd/catalogocursos/catalogo_2018/ementas/biblioteconomia.pdf>. Acesso em: 3 maio 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Instituto de ciências humanas e arte, Faculdade de Biblioteconomia. **Projeto Anjos da Huppa**. Disponível em: <http://www2.ebserh.gov.br/web/hupaa-ufal/noticias/-/asset_publisher/1phnMHZQS4WH/content/id/3656619/2018-11--esta-atividade-e-um-compartilhamento-de-emocoes->. Acesso em: 3 maio. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Instituto de Ciência da Informação, Faculdade de Biblioteconomia. **Currículo do Curso**. Disponível em: <http://biblioteconomia.ufsc.br/curriculo-do-curso/>. Acesso em: 3 de maio. 2019.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Psicologia. **Grade curricular**. Disponível em: <<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=47&codcur=47011&codhab=0&tipo=N>>. Acesso em 3 maio 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Instituto de psicologia. Biblioterapia na Ufop: tratando o corpo pela alma. **Edital de seleção**. Disponível em <https://ufop.br/sites/default/files/edital_biblioterapia_0.pdf>. Acesso em: 4 maio. 2019.

APÊNDICE A – Fatos relevantes da biblioterapia

Período	Ano	Local	Fato	Autor
Antiguidade: 4.000 a.C. - 476 d.C.				
Antiguidade	-	Grécia	Afirmavam que as bibliotecas eram repositórios de remédios para o espírito.	(PEREIRA, 1996, p.36)
Antiguidade	(1279-1213) a.C.	Egito	Ramsés II, faraó egípcio, mandou colocar no frontispício de sua biblioteca a inscrição " <i>Remédios para a Alma</i> ".	(PEREIRA, 1996, p.36)
Antiguidade	(1000) a.C.	Grécia (Tebas)	Era legível no frontispício de uma grande biblioteca a frase: " <i>A leitura, medicina para o espírito</i> ".	(ABREU <i>et al</i> , 2012, p.97)
Antiguidade	-	Roma	Achavam que orações poderiam ser lidas para tratar a saúde mental, uma vez que a leitura e medicina estavam ligadas	(PEREIRA, 1996, p.36)
Antiguidade	(26-50) a.C.	Roma	Aulus Cornelius Celsus proferiu palavras de estímulo e a discussão dos preceitos dos grandes oradores como forma terapêutica.	(PEREIRA, 1996, p.37)
Idade Média: 476 d. C. (V)– 1453 (XV)				
Idade Média	1272	Egito (Cairo)	No Hospital Al Mansur eram proporcionadas leituras do Corão como mais um método terapêutico.	(ABREU <i>et al</i> , 2012, p.97)
Idade Média	-	Europa	Bibliotecas colocavam inscrições sobre o valor terapêutico da leitura.	(PEREIRA, 1996, p.36)
Idade Contemporânea: 1789 (XVIII) - Dias atuais.				
Séc. XVIII	-	Europa (Fr., Ital. e Ingl.)	Instituições humanitárias procuravam melhorar o tratamento de insanos utilizando leitura como recreação.	(PEREIRA, 1996, p.37)
Séc. XIX	1802	EUA	Benjamin Rush em um estudo propõe a construção de bibliotecas em hospitais para divertimento de pacientes.	(PEREIRA, 1996, p.37)
Séc. XIX	1810	EUA	Rush recomenda a leitura como apoio à psicoterapia para pessoas portadoras de conflitos, tais como depressão, medos e fobias	(CORREA, Thais, 2018)
Séc. XIX	1815	EUA	O médico Rush pratica os primeiros princípios básicos da biblioterapia.	(ROSA, 2006, p.19)

Período	Ano	Local	Fato	Autor
				(LEITE, 2009, p.25)
Séc. XIX	(1802-1853)	EUA	Médicos americanos realizam a primeira experiência indicando como melhor receita para os pacientes hospitalizados a leitura de livros cuidadosamente selecionados e adaptados as necessidades individuais.	(PEREIRA, 1996, p.37)
Séc. XIX	1850	EUA (Virginia)	John M. Galt II, diretor do <i>Hospital Eastern Lunatic Asylum</i> , redigiu o primeiro artigo recomendando a leitura como tratamento e seus benefícios.	(ABREU et al, 2012, p.97) (LEITE, 2009, p.25)
Séc. XIX	1853	EUA (Boston)	A maior biblioteca pública da época atuou na comunidade abertamente em tempo integral com postura assistencial.	(PEREIRA, 1996, p.37)
Séc. XIX	1858	EUA	John M. Galt II escreve o primeiro artigo sobre biblioterapia intitulado "On Reading, Recreation and amusement for the insane" citando cinco razões porque da leitura ser benéfica.	(ABREU et al, 2012, p.97)
Séc. XIX	(meados da década de 40, 50 e 60)	-	Produção de elevada quantidade de publicações sobre o assunto, algumas pesquisas significativas.	(PEREIRA, 1996, p.38)
Séc. XIX	1877	EUA (Harvard Univ.)	Justin Winson, empregado da <i>Harvard University</i> , estabeleceu um precedente quando abriu as prateleiras para os estudantes e permitiu a circulação de livros. Isto foi o começo do serviço de referência.	(PEREIRA, 1996, p.39)
Séc. XIX	1876	EUA	Com o trabalho desenvolvido em Harvard Samuel Sweet Green desenvolve a primeira proposta para um programa real de assistência ao leitor na <i>Worcester Public Library</i> .	(PEREIRA, 1996, p.39)
Séc. XIX	1883	EUA	A maior biblioteca pública da época, <i>Boston Public Library</i> , tinha um cargo de assistente em tempo integral. Ao mesmo tempo, Melville Dewey, no Columbia College, tentava adotar a ideia da biblioteca moderna de ajuda aos leitores.	(PEREIRA, 1996, p.39)

Séc. XIX	1891	-	No <i>Library Journal</i> a verdadeira frase <i>Serviço de Referência</i> foi primeiro usada para substituir <i>ajuda aos leitores e assistência aos leitores</i> .	(PEREIRA, 1996, p.40)
Séc. XIX	-	-	Muda-se o comportamento dos acadêmicos e a biblioterapia ganha maior amplitude, se profissionaliza e especializa.	(PEREIRA, 1996, p.38)
Período	Ano	Local	Fato	Autor
Séc. XIX	-	EUA	Até meados do século XIX hospitais mentais e prisões demandavam livros com motivação religiosa.	(PEREIRA, 1996, p.38)
Séc. XX	1900	EUA	O serviço de referência estava disponível não apenas na Biblioteca Pública de Detroit, mas também nas filiais.	(PEREIRA, 1996, p.40)
Séc. XX	1904	EUA (Massachusetts)	Uma bibliotecária na direção da biblioteca <i>Mc Lean Hospital</i> executa experiências envolvendo aspectos psiquiátricos obtendo bons resultados. Com isso a biblioterapia é considerada então ramo da biblioteconomia.	(PEREIRA, 1996, p.37) (LEITE, 2009, p.25) (RATTON, 1975, p.199)
Séc. XX	1905	EUA (Boston)	Registrado a terapia em grupo quando Dr. Joseph Platt começou um grupo de aulas para pacientes tuberculosos.	(PEREIRA, 1996, p.41)
Séc. XX	1905	EUA	A biblioteca pública de Washington DC estabeleceu o cargo de <i>anfitriã bibliotecária</i> para guiar seus visitantes.	(PEREIRA, 1996, p.40)
Séc. XX	1916	-	Samuel Mechord Grothers cita a palavra Biblioterapia pela primeira vez em um artigo publicado no <i>Atlantic Monthly</i> , quando ainda havia muita confusão sobre a terminologia.	(PEREIRA, 1996, p.47), (ABREU <i>et al</i> , 2012, p.97)
Séc. XX	1916	-	Rubakin, um grande escritor russo, criou uma teoria de leitura que chamou de <i>Bibliopsicologia</i> . O autor escreveu cerca e 70 artigos sobre o assunto ao longo da vida.	(PEREIRA, 1996, p.49)
Séc. XX	(1914-1918)	-	Durante primeira guerra mundial a Cruz Vermelha através de bibliotecários leigos deu grande impulso para construção de bibliotecas nos hospitais.	(PEREIRA, 1996, p.38)

Séc. XX	1922	Suíça (Lausanne)	Rubakin publica em dois volumes <i>Introdução a Bibliopsicologia</i> com teoria de que o livro lido provoca um fenômeno subjetivo psicológico baseado nas impressões pessoais. A biblioterapia provoca mudanças nas atitudes e métodos do bibliotecário mudando o foco do livro para o interior da personalidade humana. No mesmo ano o Instituto de Bibliopsicologia muda-se de Genova para Lousanne.	(PEREIRA, 1996, p.49)
Período	Ano	Local	Fato	Autor
Séc. XX	(meados da década de 20)	-	O pesquisador Alfred Adler advoga a favor de grupos terapêuticos nos terrenos políticos e econômicos.	(PEREIRA, 1996, p.41)
Séc. XX	(meados da década de 20 e 30)	EUA	O aconselhamento a leitores vinha à frente da Biblioteconomia.	(PEREIRA, 1996, p.40)
Séc. XX	(meados da década de 30)	-	A biblioterapia passou a ser assunto de pesquisa científica, tendo papel importante. A biblioterapeuta Emma T. Foreman insistiu para que a técnica fosse vista e estudada como ciência e não como arte.	(LEITE, 2009, p.25)
Séc. XX	1931	EUA	Flexner propõe iniciativas de leitura, precursores da biblioterapia, pois desenvolve listas de leitura para adultos, em liberdade condicional, depois de entrevistar os indivíduos envolvidos.	(PEREIRA, 1996, p.40)
Séc. XX	1938		Louise Rosenblatt, indica pela primeira vez os benefícios da biblioterapia.	(ROSA, 2006, p.18)
Séc. XX	1939	-	Alice Bryan publica um artigo: <i>Pode haver uma ciência da Biblioterapia?</i> Em seu trabalho ela mesmo responde que sim. Mas acrescenta que precisa de um corpo e pesquisadores cientificamente treinados para considerá-la como ciência.	(PEREIRA, 1996, p.54)

Séc. XX	1940		Tanto <i>Meninger Clinic</i> como a Biblioteca do <i>Veterans Hospitals</i> fazem uso da biblioterapia visando estabelecer bases para estabelecê-la como ciência.	(RATTON, 1975, p.199) (LEITE, 2009, p.25)
Séc. XX	1941		Em 1941, o <i>Dorland's Illustrated Medical Dictionary</i> definiu pela primeira vez a biblioterapia como "o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais". O termo já havia, entretanto, sido usado em trabalhos anteriores.	(RATTON, 1975, p.199)
Séc. XX	(meados da década de 40)	EUA	Flexner desenvolvimento de importantes grupos de leitura tanto em nível local e nacional.	(PEREIRA, 1996, p.40)
Séc. XX	(meados da década de 40)	EUA	Muitos serviços de aconselhamento ao leitor foram integrados ao Departamento de Educação de Adultos das Bibliotecas Públicas.	(PEREIRA, 1996, p.40)
Período	Ano	Local	Fato	Autor
Séc. XX	1943	-	Carolina Shrodes desenvolveu estudos sobre a aplicação da literatura com fins terapêuticos.	(ABREU <i>et al</i> , 2012, p.97)
Séc. XX	1945	EUA	O Programa Grandes Livros da Universidade de Chicago era um programa de discussão oriundos do desenvolvimento da leitura orientada terapeuticamente, chamado de biblioterapia.	(PEREIRA, 1996, p.40)
Séc. XX	1945	EUA	O cargo de anfitriã Bibliotecária, então ligado a referência, foi considerado cargo de circulação de leitores.	(PEREIRA, 1996, p.40)
Séc. XX	1949	-	Publicada a dissertação de doutorado <i>Bibliotherapy: A Theoretical and Clinical - Experimental Study</i> , de Caroline Shrodes lançando as bases da estrutura científica da biblioterapia.	(PEREIRA, 1996, p.38), (ABREU <i>et al</i> , 2012, p.97).
Séc. XX	1951	EUA (Chicago)	A <i>University of Illinois Chicago</i> cria a figura do Bibliotecário-Conselheiro com o trabalho de aconselhamento os leitores e da Biblioterapia, com as atenções voltadas para as necessidades dos indivíduos, geralmente	(PEREIRA, 1996, p. 48)

			aproxima-se do aconselhamento psicológico.	
Séc. XX	1956	-	O autor Roberts assumiu um papel mais agressivo no uso da literatura como técnica de aconselhamento	(PEREIRA, 1996, p.39)
Séc. XX	1956	-	Sob orientação de Margaret Hannigan foi realizada uma pesquisa para mostrar a natureza e extensão dos serviços de biblioterapia prestados pelo <i>Hospital Libraries Division of ALA</i> .	(PEREIRA, 1996, p.45)
Séc. XX	1960	-	Começa a se usar livros com os cegos para facilitar a vida de pessoas afetadas pela cegueira.	(PEREIRA, 1996, p.39)
Séc. XX	1961	-	A <i>ALA Bibliotherapy Committee</i> sob orientação de Ruth Tews reuniu um grupo de leitores interessados em biblioterapia com o objetivo de enviar uma definição com consenso para o termo biblioterapia.	(PEREIRA, 1996, p.45)
Séc. XX	1961	-	O Primeiro dicionário não especializado a registrar a palavra foi <i>Webster's Thrid Internacional Dictionary</i> apresentando como: "Uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em medicina e psicologia" e também "Guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida".	(RATTON, 1975, p.199)
Período	Ano	Local	Fato	Autor
Séc. XX	1962	-	Margaret Kinney, especialista em biblioteconomia institucional solicita educação especial para o biblioterapeuta através do artigo <i>The Bibliotherapy Program: requirements for training</i> , identificando as qualidades ideais do profissional.	(PEREIRA, 1996, p.67)
Séc. XX	1964	-	Realizado o Workshop sobre Biblioterapia e Saúde Mental, patrocinado pela <i>Association of Hospital and Institution Libraries of the American Association</i> , favorecendo assim a interdisciplinaridade.	(PEREIRA, 1996, p.69)

Séc. XX	1970	-	Sharon Sclabassi escreveu um artigo e fez uma revisão da literatura em Biblioterapia classificando a pesquisa em: medicina geral, psiquiatria, educacional e corretiva. Também divide em nível intelectual, social, emocional e comportamental.	(ROSA, 2006, p.20) (LEITE, 2009, p.26)
Séc. XX	1975	-	Uma terceira pesquisa pela ALA <i>Bibliotherapy Committe</i> em um grupo concluiu em relação da biblioterapia que ela reflete pesquisas filosóficas durante os últimos 30 anos de estudo.	(PEREIRA, 1996, p.45)
Séc. XX	1975	Brasil	Angela Ratton publica o trabalho intitulado Biblioterapia, sendo um dos primeiros sobre o assunto no Brasil.	(RATTON, 1975)
Séc. XX	(meados dos anos 70)	-	Constata-se que muito tempo foi consumido para oferecer uma ampla base do desenvolvimento da Biblioterapia como campo, incluindo programas de compreensão sobre o assunto.	(PEREIRA, 1996, p.45)
Séc. XX	(meados dos anos 70)	-	Rhea Rubin publica a obra <i>Using bibliotherapy: a guide to theory and practice</i> na qual sistematiza e clarifica conceitos e práticas da biblioterapia.	(ABREU <i>et al</i> , 2012, p.97)
Séc. XX	(meados dos anos 80)	-	Maiores investimentos são feitos para formação de biblioterapêutas treinadas com padrões e certificados.	(PEREIRA, 1996, p.46)
Séc. XX	1982	Brasil	Maria Stela Orsini publica o artigo "O uso da literatura para fins terapêuticos: Biblioterapia"	(CORREA, Thais, 2018)
Período	Ano	Local	Fato	Autor
Séc. XX	1988	EUA	<i>American Library Association</i> conceitualiza a biblioterapia como a utilização de livros e outros materiais em programas de leitura dirigida, prescrita como terapia auxiliar, no tratamento de distúrbios mentais, emocionais e comportamentais.	(ABREU <i>et al</i> , 2012, p.97)
Séc. XXI	1990	-	John Pardeck, já havia escrito diversos trabalho, afirma que como qualquer outra terapia há precauções e limitações a serem observadas devendo ser utilizada	(LEITE, 2009, p.26) (ROSA, 2006, p.20)

			a biblioterapia apenas como complemento de outra terapia.	
Séc. XXI	2009	-	Burns afirma que a terapia e a leitura envolvem um compromisso com a linguagem tanto escrita como oral de um diálogo.	(ABREU <i>et al</i> , 2012, p.97)

Fonte: Elaborado pela autora. 2019.

ANEXO A – Perspectiva dos voluntários

Aplicar o seguinte questionário/ entrevista aos voluntários.

- 1) Nome: _____
- 2) Função: [] Voluntário formado [] Voluntário graduando. [] Outros
- 3) Quanto tempo participa do projeto TL? _____
- 4) Na data da visita quantos voluntários foram com você?
- 5) Os responsáveis legais pelas crianças participavam da recreação? Se sim, descreva como se dava a interação.
- 6) Como foi a interação dos voluntários com os internos e pais e funcionários? Descreva momentos que mais marcantes.

Com base na sua experiência responda o questionário para tentar entender melhor o usuário, durante o processo de biblioterapia, responda essas questões indicadas por Pereira (1996, p. 85):

- a) O que você leu que foi encorajador e útil?
- b) O que você leu lhe foi mórbido ou deprimente ou causou desgosto?
- c) Houve personagens de algum dos livros que você leu mais parecido com você?
- d) Houve algum problema encarado por algum dos personagens em algum livro que você leu, se sim discorra como eles resolveram suas dificuldades?
- e) Como é a informação oriunda da leitura e como essa reflexão se aplica a situação das crianças?

ANEXO B – Projeto de Lei



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI N° , DE 2012
(Do Sr. Giovanni Cherini)

Dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS.

Art. 2º A biblioterapia integra o conjunto das ações de saúde oferecidas pelo SUS.

§1º Os materiais de leitura com função terapêutica só poderão ser prescritos e vendidos para os fins estabelecidos nesta Lei após autorização do Ministério da Saúde.

§2º A autorização de que trata o §1º deverá considerar a eficácia terapêutica da obra.

§3º Das obras autorizadas pelo Ministério da Saúde para biblioterapia constará o número da autorização seguido do selo "RECOMENDADO PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE".

Art. 3º Os familiares do paciente, mediante recomendação médica, também poderão receber a prática terapêutica biblioterápica nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados no Sistema Único de Saúde.

Art. 4º Fica autorizada a venda de obras biblioterápicas em farmácias, drogarias e livrarias.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.